



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

ROMEU FELIPE DA SILVA JÚNIOR

FESTA DE SANTA ANA, O RIO E O POVO: MEMÓRIA E CONSTRUÇÃO DA  
IDENTIDADE DA COMUNIDADE RIBEIRINHA TAPUIA-PB

CAMPINA GRANDE  
Maio/2016

**ROMEU FELIPE DA SILVA JÚNIOR**

**FESTA DE SANTA ANA, O RIO E O POVO: MEMÓRIA, E A CONSTRUÇÃO  
DA IDENTIDADE DA COMUNIDADE RIBEIRINHA TAPUIA-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Estadual  
da Paraíba, como requisito parcial para  
obtenção do título de Licenciado em  
História.

**Orientadora:** Profa. Dra. Patrícia  
Cristina de Aragão Araújo

**CAMPINA GRANDE  
Maio/2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586m Silva Júnior, Romeu Felipe da  
Festa de Santa Ana, o rio e o povo [manuscrito] : memória e construção da identidade da comunidade Ribeirinha Tapuia - PB / Romeu Felipe da Silva Junior. - 2016.  
106 p. : il. color.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.  
"Orientação: Profa. Dra. Patricia Cristina de Aragão Araújo, Departamento de História".

1. Comunidade Rural Tapuia - Paraíba 2. Memória 3. Identidade 4. Prática Cultural Religiosa I. Título.

21. ed. CDD 907.2

ROMEU FELIPE DA SILVA JÚNIOR

FESTA DE SANTA ANA, O RIO E O POVO: MEMÓRIA, E A CONSTRUÇÃO  
DA IDENTIDADE DA COMUNIDADE RIBEIRINHA TAPUIA-PB

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Estadual  
da Paraíba, como requisito parcial para  
obtenção do título de Licenciado em  
História.

Data da avaliação: 25/05/2016

BANCA EXAMINADORA



\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Patricia Cristina de Aragão Araújo  
Orientadora



\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Maria Lindacy Gomes de Souza  
Examinadora



\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. José Adilson Filho  
Examinador

Àquela que sonhou junto comigo e não pôde estar presente na realização deste sonho. A você, minha mãe, (*In Memoriam*), dedico-lhe esta vitória. Não foi fácil, mas consegui.

## AGRADECIMENTOS

Nada do que fiz durante a minha trajetória de vida teria sido possível sem a fé que tenho em Ti, meu Deus, Pai e guia dos meus passos. Portanto, agradeço pelas inúmeras vezes que as dificuldades apontavam para a minha desistência, e foi nesse momento que senti Tua presença, Senhor, e uma voz interior me dizendo: “Não desista!”. E aqui estou, cheguei a duras penas, mas cheguei! A Ti, meu Deus, o meu muito obrigado.

Aos meus pais, Romeu e Maria José (*In Memoriam*), por me educarem no caminho do bem. A ele, pelo apoio moral, e à minha saudosa mãe e primeira professora, que me ensinou a ler em dois meses, o meu eterno agradecimento. Sei que, de onde estiveres, permaneces me olhando e me guiando. Sei também que, diante dos obstáculos que passei, não apenas na minha trajetória estudantil, mas durante toda a minha vida, quando não mais estavas ao meu lado, quando pensei muitas vezes que não conseguiria, ouvia uma voz interior dizendo: “Você consegue!”. Sinto que era você soprando palavras no meu ouvido. Sei também que, se estivesse aqui, falaria para mim: “Eu não te criei pra ser um derrotado”. E aqui estou, contando vitórias e realizando meu sonho, que também era seu, de ver seus filhos na universidade. A ti, meu muito obrigado. Te amo!

Não poderia deixar de agradecer a um “anjo” em forma de mulher que Deus colocou em meu caminho para ser minha companheira e mãe dos meus filhos. À minha esposa, Mariele, que me apoiou incondicionalmente e que não mediu esforços mediante os momentos estressantes para ser minha leitora. Desculpa pelas noites de sono perdidas que te fiz passar. Suas atitudes me comprovaram o que eu já sabia: você foi minha melhor escolha. Palavras são insuficientes para expressar meu agradecimento, mas posso te retribuir com o meu amor. Muito obrigado.

Agradeço ao anjo de papai, por ser uma menina tão compreensiva, pelas vezes que precisou de minha atenção e não pude dar, pelos tantos “eu te amo, papai”, que me ajudaram a não desistir. Você, minha filha, é a minha maior conquista, meu maior sonho, meu maior tesouro. Desculpa pelos teus momentos roubados neste período, por ter furtado o colo de sua mãe quando o momento era seu. Você é um anjo que Deus enviou para eu proteger e acabou sendo um anjo que me protege. Tenha certeza, minha menina, o que eu serei daqui para frente, serei por você. Papai te ama muito.

Aos meus familiares e amigos de perto ou de longe, o meu muito obrigado pelo apoio nas vezes em que precisei de cada um. A luta com vocês ao meu lado foi menos árdua.

Meu eterno agradecimento à professora orientadora Patrícia Cristina de Aragão Araújo, pelo apoio ímpar que me deu. Você é um ser iluminado que Deus colocou em meu caminho para que eu conseguisse chegar ao fim deste trabalho. As dificuldades foram muitas, mas com sua orientação tudo ficou mais claro. Obrigado pela paciência para comigo e por seus ensinamentos.

À banca, Maria Lindacy e José Adilson, por terem analisado o meu trabalho, o meu muito obrigado.

Aos professores que fizeram parte da minha trajetória estudantil, aos professores primários do Grupo Escolar Salvino Figuerêdo Neto – Caracolzinho, aos professores do Colégio Estadual de Aroeiras, do Colégio Ernestão, em Queimadas, do Colégio Padre Godofredo Joosten - Gado Bravo, aos professores alunos universitários que ministraram o cursinho pré-vestibular voluntariamente em Gado Bravo e, por fim, aos professores da UEPB. Esta vitória também é de cada um de vocês que deram as suas contribuições de algum modo. Com toda certeza os levarei em meu coração.

Meu eterno agradecimento às pessoas que me ajudaram no trajeto da minha casa à Universidade, a Matias (conhecido como Preta), Dédo, Raminho, Biu, Zé Gotinha e Gilmar, dentre outros.

O meu eterno agradecimento aos moradores do Tapuia que, com suas narrativas, fizeram com que este trabalho pudesse ser realizado; em especial, ao Sr. Lourival, Sr. Gonçalo, Sr. Manoel e às Sras. Maria Ana, Ana Maria e Edinalva.

Aos tutores Alysson e Kaline, por me ajudarem durante o curso.

Os meus agradecimentos se estendem aos meus colegas da universidade, pelo companheirismo, pelos momentos de descontração, pela troca de experiências; enfim, por tudo.

Agradeço às pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a minha realização, àquelas que me incentivaram a prosseguir com os meus estudos e também àquelas que me criticaram por eu querer continuar mesmo diante das minhas limitações. Estas atitudes só me fortaleceram ainda mais a ir em busca deste sonho.

A história é testemunha do passado, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida, anunciadora dos tempos antigos (Cícero).



## RESUMO

Neste trabalho, pretende-se compreender as práticas culturais religiosas da comunidade rural Tapuia, no município de Gado Bravo-PB, entre o período de 1945 a 1995, através das narrativas orais e dos saberes tradicionais locais, em torno da festa de Nossa Senhora Santana, cujo objetivo geral é: Compreender, a partir das narrativas orais, as práticas culturais religiosas da comunidade Tapuia, no município de Gado Bravo- PB, entre o período de 1945 a 1995, através das narrativas orais e dos saberes tradicionais locais. O referencial teórico está pautado em leituras de autores que problematizam a concepção de memória, identidade, práticas culturais, patrimônio imaterial, história oral e festas. Pollack (1992),Halbwachs (1990) Le Goff (1990), Rodrigues (2000), Barros (2003), Castro (2008 Farias (2002), além de Venson e Pedro (2002). A metodologia empregada neste estudo se baseia na história oral, através de entrevista semiestruturada com moradores da comunidade, utilizadas como fonte. Foi feita uma pesquisa bibliográfica e documental relativa ao tema. Os sujeitos participantes da pesquisa foram moradores da comunidade e participantes da festa de Santana. Compreendemos que este folguedo é fundamental para a formação da religiosidade do povo tapuia, pois este, através das narrativas orais, registrara momentos da historicidade desta comunidade mediados pela história em torno da festa. Portanto, a importância deste trabalho se dá pelo fato de perceber como, através da memória do povo do Tapuia, fez-se emergir o sentimento de pertencimento local através das festividades à santa padroeira.

**Palavras-chave:** Memória. Identidade. Práticas culturais. Patrimônio cultural imaterial. História oral. Festa. Tapuia.

## ABSTRACT

This monograph aims to understand religious cultural practices of rural community Tapuia, at Gado Bravo (Paraíba, Brazil) from 1945 to 1995, through oral narratives and local traditional knowledge around Our Lady Santana feast. General objective is: to comprehend Tapuia's religious cultural practices from 1945 to 1995, through oral narratives and local traditional knowledge. Theoretical reference framework is based on readings of authors who question concepts such as memory, identity, cultural practices, intangible heritage, oral history and parties. Pollack (1992) Halbwachs (1990) Le Goff (1990) Rodrigues (2000) Barros (2003) Castro (2008) Farias (2002) plus Venson & Pedro (2002). Methodology is based on oral history. Semi-structured interviews with community residents were used as a source. Bibliographical and documentary research on the subject was made. Research subjects were community residents and participants of Santana feast. We understand that this merriment is critical to Tapuia people's religiosity establishment. Oral narratives had registered this community historicity moment mediated by the feast history. Therefore, this monograph is important because it investigates how belonging sense emerged due to patron saint festivities through Tapuia people's memory.

**Keywords:** Memory. Identity. Cultural practices. Intangible cultural heritage. Oral history. Party. Tapuia.

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 01</b>	O Rio Paraíba e a comunidade Tapuia às suas margens .....	<b>50</b>
<b>FIGURA 02</b>	Imagem meramente ilustrativa de uma índia Tapuia .....	<b>51</b>
<b>FIGURA 03</b>	Primeira capela do Tapuia .....	<b>52</b>
<b>FIGURA 04</b>	Poço do Tapuia, local onde morava Chica Gleba, na gruta de uma pedra .....	<b>55</b>
<b>FIGURA 05</b>	José Freire e Josefa Pereira .....	<b>57</b>
<b>FIGURA 06</b>	Severino Xavier de Moraes e sua esposa, conhecida como Nenê .....	<b>58</b>
<b>FIGURA 07</b>	Antônio Félix de Moraes e sua esposa, Maria .....	<b>59</b>
<b>FIGURA 08</b>	Julião de Souza Leal e Maria Adélia de Lucena Leal .....	<b>59</b>
<b>FIGURA 09</b>	Uma das casas mais antigas do Tapuia .....	<b>60</b>
<b>FIGURA 10</b>	Vila do Tapuia .....	<b>61</b>
<b>FIGURA 11</b>	O cruzeiro que fica às margens do Rio Paraíba .....	<b>63</b>
<b>FIGURA 12</b>	Cemitério do Tapuia, construção do século XIX .....	<b>64</b>
<b>FIGURA 13</b>	Capela atual do Tapuia, construída em 1955 .....	<b>65</b>
<b>FIGURA 14</b>	A comunidade Tapuia entre as serras .....	<b>66</b>
<b>FIGURA 15</b>	O Rio Paraíba .....	<b>70</b>
<b>FIGURA 16</b>	Imagem de Nossa Senhora Santana .....	<b>71</b>
<b>FIGURA 17</b>	Festa de São Sebastião no ano de 1970 .....	<b>74</b>
<b>FIGURA 18</b>	Festa de São Sebastião no ano de 1972 .....	<b>74</b>
<b>FIGURA 19</b>	Primeira Comunhão, no ano de 1972 .....	<b>75</b>
<b>FIGURA 20</b>	Primeira Comunhão no Tapuia .....	<b>76</b>
<b>FIGURA 21</b>	Dia de finados na comunidade .....	<b>76</b>
<b>FIGURA 22</b>	Tapuia em dia de festa .....	<b>79</b>
<b>FIGURA 23</b>	Os visitantes da festa no leito do rio .....	<b>80</b>

<b>FIGURA 24</b>	Imagem de Nossa Senhora Santana .....	<b>81</b>
<b>FIGURA 25</b>	Imagem meramente ilustrativa do bacamarteiro .....	<b>83</b>
<b>FIGURA 26</b>	Imagem de um bacamarte .....	<b>84</b>

## **LISTA DE SIGLAS**

**EDUCARTE** – Instituto Brasileiro de Educação e Cultura

**UEPB** – Universidade Estadual da Paraíba

**UNESCO** – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>MEMÓRIA E IDENTIDADE: TECENDO HISTÓRIAS DA FESTA DE SANTA ANA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL .....</b>	<b>19</b>
<b>1.1 Pelos caminhos da memória e identidade no contexto da história cultural .....</b>	<b>19</b>
<b>1.2 Festa de Santa Ana como patrimônio histórico e cultural .....</b>	<b>32</b>
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>SANTA ANA, O RIO E O POVO: A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE NA COMUNIDADE RIBEIRINHA TAPUIA .....</b>	<b>48</b>
<b>2.1 Antecedentes históricos sobre a comunidade Tapuia .....</b>	<b>48</b>
<b>2.2 Entre celebrações e comemorações: histórias da festa de Santa Ana .....</b>	<b>69</b>
<b>2.3 “Oh Ana, Santa e gloriosa de Maria mãe querida”: festa de Santana em narrativas de memória .....</b>	<b>79</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>86</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>88</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>91</b>
<b>APÊNDICE A: Roteiro da entrevista.....</b>	<b>91</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>92</b>
<b>ANEXO A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....</b>	<b>92</b>
<b>ANEXO B: Folder da festa de Nossa Senhora Santana .....</b>	<b>98</b>
<b>ANEXO C: Encarte da missa em honra a Nossa Senhora Santana .....</b>	<b>100</b>
<b>ANEXO D: Entrevistados .....</b>	<b>102</b>
<b>ANEXO E: Acervo fotográfico da comunidade Tapuia .....</b>	<b>104</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Remeter ao tempo passado é contribuir para a elaboração de uma pesquisa histórica pautada na historicidade local. As lembranças dos mais velhos, juntamente com suas experiências dotadas de subjetividade, permitem a construção da memória social. E é através da memória histórica de um povo que identificamos e compreendemos como se constroem a identidade social daquele grupo que, através de suas narrativas, fazem um resgate das memórias que, ao longo do tempo, serão esquecidas caso não sejam transmitidas intergeracionalmente ou registradas através de documentos escritos.

É nesse contexto que esta pesquisa, cujo tema é: *Festa de Santa Ana<sup>1</sup>, o rio e o povo: Memória, e a construção da identidade da comunidade ribeirinha Tapuia-PB*, baseia-se, isto é, ressignificar a história dessa comunidade através da devoção à santa padroeira e perceber como moradores da comunidade construíram, a partir de suas práticas, uma identidade do povo do Tapuia. Através dessas discussões, elaborei esta pesquisa, cujo objetivo geral é: compreender, a partir das narrativas orais, as práticas culturais religiosas, da comunidade Tapuia, no município de Gado Bravo - Paraíba, entre o período de 1945 a 1995, por meio das narrativas orais e dos saberes tradicionais locais.

Como objetivos específicos, temos: identificar, através das narrativas dos moradores da comunidade Tapuia, como eles conhecem acerca da memória da história da comunidade por intermédio dos saberes construídos intergeracionalmente; refletir sobre a memória e a identidade dos moradores da comunidade Tapuia a partir de como eles constroem sua identidade local, viabilizada pela suas práticas culturais religiosas; reconstruir historicamente a comunidade Tapuia a partir das suas práticas culturais envolvendo a sua historicidade e as festividades em torno de Nossa Senhora Santana. Com isto, pretende-se saber como se deu a construção de uma identidade religiosa na comunidade Tapuia através das festividades à nossa Senhora Santa Ana.

Assim sendo, problematizar as práticas culturais do local através da memória e das narrativas orais dos mais velhos é importante para a história

---

<sup>1</sup> Santa Ana também é chamada carinhosamente pelos moradores de Santana. Por isso, no decorrer do trabalho, presencia-se o uso dos dois termos: Santa Ana e Santana.

local, pois desse modo se constrói sua identidade cultural. No que tange ao referencial teórico, ele está pautado no campo historiográfico da história cultural, possibilitando o resgate das práticas religiosas que nortearam os discursos sobre memória e as festividades à padroeira local. Desta feita, trabalharei com alguns conceitos, a exemplo de memória, a partir dos quais buscarei, através de relatos orais, as práticas religiosas e culturais daquele povo e o sentimento de pertencimento local. Buscarei suporte nas leituras de Maurice Halbwachs (1990), Jacques Le Goff (1990) e Michael Pollak (1992).

Discutirei sobre história cultural e identidade através das leituras de autores como Barros (2003), lugar de memória na concepção de Andrade (2008) e ainda tratarei sobre patrimônio e festa em leituras de autores como Castro (2008), Bueno (2008) e Farias (2012), para compreender como a festa de Nossa Senhora Santana, em Gado Bravo, pode ser compreendida como um patrimônio imaterial daquele município.

O que me fez escolher este tema foi o fato de ter nascido no município de Gado Bravo. Como gadobravense, observei as histórias contadas por meus avós acerca da comunidade da qual eram originários, a Comunidade Tapuia. Ela fica às margens do Rio Paraíba. Relatos curiosos me faziam pensar sobre estas histórias, pois muito embora sendo apenas uma criança, o nome Tapuia me chamava a atenção. Esses questionamentos ficaram em mente, aumentando a curiosidade sobre as diversas histórias em torno do nome. Conduzi tais reflexões para hoje, na condição de historiador.

Passei, então, a me questionar por que o sentimento de pertencimento era tão eminente nas pessoas do local e nos demais gadobravenses. Só na vida adulta tive a oportunidade de visitar aquela comunidade, que há muito despertara em mim curiosidade constante. O que mais me intrigou foi a forte presença religiosa na localidade. Pretendo, portanto, com este trabalho, reconstruir historicamente a comunidade Tapuia, tendo como eixo norteador a festa de Nossa Senhora Santana, que ocorre sempre em 26 de julho, dia dedicado à santa. Trata-se de uma festa tradicional que ocorre anualmente há mais de 100 anos, segundo relatos de alguns moradores do local, e deve ser compreendida como um patrimônio imaterial do Tapuia e do município de Gado Bravo.



Para a concretização deste trabalho, o campo metodológico utilizado foi o da história oral, utilizando as discussões de Freitas (2002), que aborda a história oral como instrumento de pesquisa. Para Freitas (2002, p. 05), a “História oral é um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si no registro de narrativas da experiência humana”. Sua importância se dá pelo fato de ela possibilitar o surgimento de fontes históricas, a exemplo das entrevistas realizadas nesta pesquisa, pois resgata a história de uma sociedade que não tenha sua história registrada em documentos escritos. A entrevista, na concepção de Freitas (2002), tem caráter temático, pois aborda um grupo de pessoas falando sobre o mesmo assunto, possibilitando várias ações, como discussão, comparações, divergências e as evidências entre si. Para tanto, utilizei entrevistas como instrumento de pesquisa.

Após a sondagem entre os moradores, foram escolhidos os sujeitos da pesquisa. Selecionei seis pessoas, a saber: Lourival Barbosa Cabral, 84 anos, agricultor. Coursou o fundamental 1 e não reside na localidade, e sim numa comunidade denominada Salinas, que também fica no município de Gado Bravo. Sua ligação com a comunidade vem desde a infância, quando frequentava a localidade e ouvia as histórias contadas pelos moradores.

Sua contribuição foi relevante no sentido de traçar um panorama histórico do lugar. Gonçalo Xavier, 87 anos, agricultor, frequentou a escola umas duas vezes. Porém, consegue assinar o nome e contribuiu com o resgate de algumas práticas culturais na história do Tapuia. Manoel Barbosa Pereira, 75 anos, agricultor, cursou o fundamental 1. Sua contribuição maior se refere às festividades de Santa Ana. Ana Maria da Conceição, 76 anos, agricultora, frequentou a escola apenas algumas vezes e, já idosa, aprendeu assinar seu nome. A importância de sua narrativa está pautada nas lembranças da comunidade como um todo. Maria Ana de Araújo, 64 anos, professora graduada em psicopedagogia, fez um resgate das festas religiosas na comunidade pós 1945. Daí advém a relevância de suas narrativas para este estudo. E, por fim, Edinalva Barbosa, 38 anos, agente de saúde, cursou o ensino médio completo. Sua contribuição se deu pelo fato de ser no momento uma das organizadoras da festa de Nossa Senhora Santana.

Na comunidade Tapuia-Gado Bravo, foram realizadas quatro entrevistas nas residências dos sujeitos entrevistados. Outra foi realizada no Sítio Salinas-Gado Bravo, na residência de Lourival Barbosa, e outra se realizou no Sítio Leitões, onde atualmente reside o Sr. Gonçalo Xavier.

Na feitura desta pesquisa, utilizei como fontes os estudos bibliográficos, as entrevistas e as imagens fotográficas. O uso das imagens fotográficas em um trabalho de pesquisa é de fundamental importância, pois, sob a ótica de Mauad (1996), tem um caráter metodológico que permite analisar o contexto no qual a imagem está inserida e conferi-las com as narrativas escritas. Destarte, o uso da fotografia é muito importante por serem consideradas fontes históricas. Para Mauad (1996, p. 11), a fotografia “deve ser considerada como produto cultural fruto do trabalho social de produção signífica. Neste sentido, toda a produção da mensagem fotográfica está associada aos meios técnicos de produção cultural”. Portanto, o uso da fotografia favorece esta pesquisa no sentido de comprovar algumas narrativas dos moradores.

O primeiro passo realizado foi o levantamento bibliográfico, buscando leituras que subsidiassem o objeto em análise. Após as leituras, fui em busca dos sujeitos da pesquisa, fazendo antecipadamente uma sondagem para verificar quais seriam os escolhidos para a realização das entrevistas. O período dedicado a esta atividade se deu entre os dias 20 a 23 de abril de 2016. Após a realização das entrevistas, foram feitas as transcrições e análises dos dados obtidos, durante o período de 24 a 30 de abril.

Após a realização da pesquisa, o resultado é este trabalho, que está organizado em dois capítulos. O primeiro, intitulado *Memória e identidade: Tecendo histórias da festa de Santa Ana como patrimônio cultural*, busca, através dos levantamentos bibliográficos, a compreensão de memória e identidade para compreender as práticas culturais do povo do Tapuia. O segundo capítulo, cujo título é *Festa de Santana nas narrativas e memórias de moradores da comunidade ribeirinha Tapuia-PB*, ressalta a importância da devoção à Santa Ana como elemento-chave para a construção desta identidade.

## CAPÍTULO I

### MEMÓRIA E IDENTIDADE: TECENDO HISTÓRIAS DA FESTA DE SANTA ANA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL

#### 1.1 Pelos caminhos da memória e identidade no contexto da história cultural

Conhecer a história de um povo e poder posteriormente escrever a respeito desta história nos remete a pensar o papel e importância da memória, quer seja individual ou relativa a um grupo. Os estudos sobre memória têm sido objeto de estudo de vários autores, entre os quais destacamos Halbwachs (1990), que discute sobre a memória individual e coletiva e também sobre memória e identidade. Outro autor que trabalha com as discussões em torno da memória é Michael Pollak (1992). Ele faz uma ligação entre memória e identidade social, dando ênfase para a chamada história oral. Outro estudioso é Jacques Le Goff (1990), que avança as várias concepções de memória, fazendo tal discussão no campo da história.

Segundo Halbwachs (1990), a memória de um indivíduo precisa ser ativada por meio das lembranças do grupo social ao qual ele pertence. O grupo forma uma memória coletiva da qual o indivíduo precisa para formar sua memória individual. O autor revela em seus discursos que precisamos recorrer a nossas lembranças atuais de modo que, comparando-as às antigas, obtenhamos um quadro que mostre “Se o que vemos hoje tivesse que tomar lugar dentro do quadro de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptariam ao conjunto de nossas concepções atuais” (HALBWACHS, 1990, p. 25).

Para Halbwachs (1990), a lembrança pode ser compreendida como um produto da memória coletiva, como seu derivado individual, enquanto a memória em si ocorre de modo coletivo. Neste caso, nossas lembranças individuais estão entrelaçadas em um grupo. Este grupo continua o processo de interligação com outros e assim por diante, ocorrendo, assim, uma rede de lembranças contínuas, de modo que não se sabe onde começam e/ou terminam nossas memórias. No decorrer da vida, pertencemos a vários grupos

sociais, como família, Igreja, escola, comunidade; enfim, são vários grupos que nos levam a reavivar o sentimento de pertencimento. Formamos, assim, nossa identidade enquanto indivíduo daquele grupo. Halbwachs, citado por Pollak (1992), ao se reportar sobre memória, afirma que:

A memória deve ser entendida também ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes (HALBWACHS apud POLLACK, 1992, p. 02).

Então, percebe-se que a memória não deve ser compreendida apenas como parte do indivíduo, mas também como fruto das lembranças de um grupo social. Segundo Pollak (1992), existem, portanto, elementos constitutivos da memória que são os momentos vivenciados individualmente, os que são vivenciados em um determinado grupo social, isto é, vividos coletivamente, e aqueles de que nem sempre participamos, mas que existem em nosso imaginário.

Desse modo, percebe-se que a memória é constituída de fatos e principalmente por pessoas. Portanto, vale salientar que é através da memória dos mais velhos que se torna possível resgatar fatos ocorridos no passado. Por intermédio da tradição oral, pode-se construir a história local, resgatar saberes e reconstituir as práticas vivenciadas por um determinado indivíduo ou grupo. Tais práticas legitimarão o indivíduo como pertencente ao local, identificando-o como um ser social. Ainda nas palavras de Pollak (1992, p. 03), “a memória é seletiva”, isto é, não guardamos todos os acontecimentos. Nem tudo fica registrado em nossa memória. O autor comenta ainda que:

A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas a vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que é articulada, em que ela está expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação a memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada (POLLAK, 1992, p. 04).

Nesse panorama, conforme afirma Halbwachs (1990), a memória de um indivíduo precisa ser ativada por meio das lembranças do grupo social ao qual ele pertence. O grupo forma uma memória coletiva necessária para o indivíduo formular o que ele pensa ser sua memória individual. Ele é acompanhado pela memória coletiva a todo o momento. Mesmo quando está só, analisa os ambientes e situações usando lembranças de pessoas que o influenciaram. Portanto:

Se é possível o confronto entre a memória individual e a memória dos outros, isto mostra que a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos (POLLAK, 1992, p. 05).

A este respeito, Le Goff (1990) enfatiza que:

A memória coletiva sofreu grandes transformações com a construção das ciências sociais e desempenha um papel importante na interdisciplinaridade que tende a instalar-se entre elas (LEGOFF, 1990, p. 473).

Ressaltamos, a partir de Le Goff (1990), que a memória é responsável pela formação da identidade de um povo e valorização de suas culturas, como também pelo sentimento de pertencimento a um determinado grupo. O autor assevera ainda:

Mas a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória (LE GOFF, 1990, p. 177).

Le Goff (1990) percebe a memória como algo imprescindível para a construção da identidade de uma pessoa e do grupo social no qual ela está inserida. Na medida em que a memória é seletiva, ela tende a selecionar acontecimentos que ocorrem principalmente ao nosso redor, que ocorrem com pessoas bem próximas à nossa realidade. Nas palavras de Halbwachs (1990),

recordamos apenas os momentos que foram importantes em nossa vida, e que tiveram participação de um maior número de pessoas, ao passo que descartamos o menos importante, o que implica dizer que a memória seleciona os acontecimentos. Isto ocorre porque,

no primeiro plano de memória de um grupo se destacam as lembranças dos acontecimentos e das experiências que concernem ao maior número de seus membros e que resultam quer de sua vida quer de suas relações com os grupos mais próximos, mais frequentemente em contato com ele (HALBWACHS, 1990, p 45).

Construir a memória de um povo através de fontes escritas é algo comum e aceitável. No entanto, quando se fala de uma memória recolhida de uma fonte oral, há discursos que se baseiam na ideia de que a história oral é capaz de produzir representações e não reconstitui a história real. Pollak (1992) nos chama a atenção para a importância das fontes orais. Segundo ele, não há diferença entre ambas, já que a memória é construída coletivamente. O autor argumenta que:

Se a memória é socialmente construída, é óbvio que toda documentação também o é. Para mim não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral. A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer, ao meu ver, ser aplicada a fontes de tudo quanto é tipo. Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. Nem a fonte escrita pode ser tomada tal e qual ela se apresenta (POLLAK, 1992, p. 08).

Ressignificar memórias oralmente é dar continuidade ao que já se tem de fontes escritas. Esta última é considerada mais válida que a primeira. É preciso, entretanto, valorizar a ambas, já que elas nos fornecem informações capazes de produzir histórias, e, portanto, memórias. Memórias estas que denominamos de memórias dos velhos, isto é, as lembranças guardadas pelos indivíduos que são passadas intergeracionalmente, bem como suas vivências e experiências construídas ao longo de sua vida particular e no grupo social do qual eles participam, construindo, assim, a memória coletiva.

Von Simon (2000) alude para a chamada memória subterrânea ou marginal. Trata-se de memórias que não foram registradas em textos ou outras fontes documentais, mas que estão guardadas nas memórias de famílias ou grupos sociais. Eis que, ao emergirem os conflitos sociais, surgem então estas memórias, que passam a ser consideradas uma memória coletiva de uma sociedade. Podemos perceber isto nas palavras de Von Simson (2000), ao afirmar que:

Essas memórias subterrâneas geralmente se encontram muito bem guardadas no âmago de famílias ou grupos sociais dominados nos quais são cuidadosamente passadas de geração a geração, através de relatos, músicas, quadras poéticas, ocasiões em que os membros do grupo se auxiliam mutuamente na tarefa de relembrar, cada um contribuindo com detalhes que detonam processos rememorativos dos outros participantes. É o que denominamos uma construção compartilhada da memória (VON SIMSON, 2000, p. 15).

Além de a memória ser seletiva, ela exerce outra função, que é a de esquecer, ou seja, esquecemos aquelas memórias que supostamente não têm uma elevada importância, isto é, não foram marcantes os acontecimentos vivenciados. Guardamos informações consideradas por nós como importantes.

No entanto, vale salientar que, em decorrência dos avanços tecnológicos, do tempo corrido, das inúmeras informações que surgem atualmente, as pessoas estão se esquecendo de guardar memórias importantes, de selecionar informações realmente relevantes, e estão se transformando em sociedades do esquecimento.

Para Von Simon (2000), os tempos atuais também deixaram de dar importância ao que chamamos memória dos velhos, denominados socialmente como guardiões da memória. Seus relatos, suas vivências e experiências foram substituídos pelas novas tecnologias que armazenam informações. Surge, com isto, a sociedade do esquecimento. Conforme assevera Von Simon (2000, p. 16):

Esse papel social dos idosos foi sendo gradativamente perdido ao longo da história das sociedades ocidentais, mas, muito mais intensamente, na contemporaneidade, quando cada vez mais se diversificam e se sofisticam os suportes para o registro

e manutenção da memória (documentos escritos, imprensa, fotografia, vídeo, discos, CDs, DVDs, disquetes etc.) Esse enorme volume de informações fez surgir nessas novas sociedades do esquecimento, instituições especialmente voltadas ao trabalho de coleta, seleção, organização, guarda, manutenção adequada e divulgação da memória de grupos sociais ou da sociedade em geral nessas novas sociedades do esquecimento.

Percebe-se, portanto, que o trabalho com a memória dos velhos é de suma importância para que se construa a história local pautada em seus relatos, principalmente quando não se encontram outras fontes de informações, sejam elas escritas ou audiovisuais. Sem a memória dos velhos, as histórias de sociedades que não possuem nenhum tipo de documento escrito se perdem ao longo do tempo, na medida em que estas informações não são repassadas oralmente através da memória daqueles que vivenciaram acontecimentos marcantes em sua vida e para a vida das pessoas que habitavam aquela sociedade em um determinado período.

Conforme afirma Pollak (1992), o que é mais importante na memória é justamente esta identidade cultural que cada ser social traz consigo, esta riqueza de saberes que atravessa gerações. Desse modo, a memória precisa ser ressignificada, preservada, para não correr o risco de ser desgastada. Neste momento é que entra o resgate das memórias daqueles indivíduos cujas experiências são muitas vezes desvalorizadas, reprimidas: os mais velhos. Para Menezes (1992, p. 10):

A caracterização mais corrente da memória é como mecanismo de registro e retenção, depósito de informações, conhecimento, experiências. Daí com facilidade se passa para os produtos objetivos desse mecanismo. A memória aparece então como algo concreto, definido, cuja produção e acabamento se realizaram no passado e que cumpre transportar para o presente. Diz-se também, que a memória corre o risco de se desgastar, como um objeto frável submetido a uma ação abrasiva; por isso é que precisa não só ser preservada, mas restaurada na sua integridade original.

Nesse diapasão, é preciso resgatar as memórias culturais que os mais velhos trazem na sua totalidade e integridade original, resgatando, assim, a história local e transformando-a em história patrimônio, fazendo o indivíduo



compreender que ele próprio, suas memórias, sua história como ser social são considerados patrimônio. Para tanto, far-se-á necessário conscientizar as pessoas do valor histórico de cada uma delas para a formação da memória local. Só assim, os indivíduos mais jovens posteriormente irão compreender e valorizar os patrimônios oficiais de sua cidade, do lugar onde vivem.

É na história local que se encontram as manifestações culturais de um determinado grupo, de um indivíduo, manifestações que são transmitidas de geração a geração através da memória subterrânea. Considerada como uma reflexão do passado, a memória nos liga a fatos que ocorreram em uma determinada época remota ou não, que dá sentido tanto ao passado quanto ao presente. Conforme afirma Guarinello (1993, p. 189):

A memória é, no fundo, um jogo dos sentidos possíveis nos quadros, mais ou menos indefinidos, do tempo. Um jogo que se alterna entre duas dimensões distintas do ato de recordar”. A memória coletiva é, deste modo, um meio fundamental da vida social, uma das dimensões da ação coletiva e um veículo de poder. Poder, por exemplo, de transmitir ou perenizar uma memória de si, ou de propor ou impor uma dada memória a coletividade; poder de criar, refazer ou destruir identidades sociais, de dar sentido, corpo e eficácia aos atos coletivos. O ato de memória é um ato de poder e o campo da memória, o espaço onde atuam seus lugares, é um campo de conflitos.

A partir das proposições de Guarinello (1993), compreendemos que a memória nos permite diferenciar os acontecimentos vividos e as transformações ocorridas na sociedade em uma dada temporalidade e contextualidade. É justamente na memória coletiva que recuperamos histórias, fatos, e os repassamos através dos relatos, documentos, fotos. Esses suportes que se constituem em registro têm o poder de construir ou destruir identidades sociais.

Se a memória é fundamental na constituição das histórias de pessoas, de um povo ou localidade, ao ser articulada às questões da cultura, a memória é ressignificada e constitui um importante aporte para se compreender a relação entre a história de uma dada localidade e suas práticas culturais.

Cultura é um termo que, ao longo do tempo, vem sendo modificado. Assim, já existiram vários conceitos em relação à cultura. No *Dicionário*

*Brasileiro da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2000), define-se a cultura como: “complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições, das manifestações artísticas intelectuais, [...] transmitidas coletivamente e típicas de uma sociedade” (FERREIRA, 2000, p. 197). Todavia, muitos estudiosos discordam dessa definição, visto que acreditam que a cultura não pode nem deve ser considerada uma particularidade de uma classe social, mas de todas as formas de manifestação realizadas pelo ser humano. Vejamos o que assevera Arantes (1982, p. 26):

Essa diversidade que se desenvolve em processos múltiplos, é o lugar privilegiado da “cultura” uma vez que, sendo em grande medida arbitrária e convencional ela constitui os diversos núcleos de identidade de vários agrupamentos humanos, ao mesmo tempo que os diferencia uns dos outros.

É sobre esta perspectiva que se busca compreender a Comunidade do Tapuia, localizada às margens do Rio Paraíba, no município de Gado Bravo. Pretende-se compreender como se dão as práticas culturais daquela comunidade que, embora atualmente seja muito pequena, deixa aos seus moradores um legado cultural inestimável, histórias ocorridas desde o surgimento daquela comunidade que hoje são contadas oralmente por aqueles que vivenciaram alguns acontecimentos ou ouviram-nos dos seus antepassados. Histórias resultantes dos saberes da tradição oral.

Como se percebe, a cultura se manifesta por meio de simbologias que, na totalidade das ações realizadas pelo homem, passam a fazer sentido. Conforme assevera Michel de Certeau (1995, p. 141), “Para que haja verdadeiramente cultura, não basta ser autor de práticas sociais: é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza”.

Destarte, as práticas sociais realizadas pelos moradores da comunidade do Tapuia serão reconstituídas a partir das memórias das pessoas idosas da localidade que, através das entrevistas, estarão contribuindo para resgatar a história da comunidade, dando ênfase principalmente a um evento que reúne milhares de pessoas: a tradicional festa de Nossa Senhora Santa Ana.

Através de seus relatos, os moradores estarão produzindo cultura. Com base nos apontamentos de Barros (2003, p. 146), “qualquer ser humano em

sua existência produz cultura, e não basta ser um artista, ou um letrado, para que isto ocorra”. Desde o nascimento, o bebê produz cultura através do choro, pois é uma forma de se comunicar com a mãe. Desse modo, cultura é toda forma de linguagem, de comunicação entre as pessoas. Nas palavras de Barros (2003, p. 146):

Ao existir qualquer indivíduo já está automaticamente produzindo cultura, sem que para isto seja preciso ser um artista, um intelectual, ou um artesão. A própria linguagem e as práticas discursivas que constituem a substância da vida social, embasam esta noção mais ampla da cultura. Comunicar é produzir cultura e de saída isto implica na duplicidade reconhecida entre a cultura escrita (sem falar que o ser humano também se comunica através dos gestos, do corpo, e da sua maneira de estar no mundo social, isto é, do seu modo de vida).

O modo de vida das pessoas do Tapuia está pautado principalmente nas práticas religiosas daquele povo, pois é perceptível, através das entrevistas, o sentimento de pertencimento enaltecido através da festa de Nossa Senhora Santana realizada anualmente sempre na mesma data, 26 de julho, dia dedicado à padroeira local.

É notório, portanto, um forte catolicismo, que surgiu com a construção da primeira capela por religiosos católicos às margens do Rio Paraíba no final do século XIX, segundo relatos de moradores locais. A construção dessa capela ainda era de barro. Há relatos também que as festividades naquela localidade ocorrem há muitos anos, desde a primeira capela.

As manifestações culturais das pessoas da comunidade Tapuia resultaram naquilo que chamaríamos de sentimento de pertencimento, pois o elo que conecta a ambos é a religiosidade e a devoção à santa padroeira local, Nossa Senhora Santana. Todos se reúnem em função da festa da padroeira e se sentem pertencentes ao local onde vivem. Vejamos o que Barros (2003) afirma acerca das práticas culturais:

O que são as práticas culturais: Antes de mais nada, convém ter em vista que esta noção deve ser pensada não apenas em relação às instâncias oficiais a produção cultural as instituições várias, às técnicas e as realizações (por exemplo os objetos

culturais produzidos por uma sociedade, mas também em relação aos usos e costumes que caracterizam a sociedade examinada pelo historiador. São práticas culturais não apenas e feitura de um livro, uma técnica artística ou uma modalidade de ensino, mas também os modos como, em uma dada sociedade os homens falam e se calam, comem e bebem, sentam-se e andam, conversam ou discutem, solidarizam-se ou hostilizam, morrem ou adoecera, tratara seus loucos ou recebem os estrangeiros (BARROS, 2003, p. 157).

Percebe-se, mediante as palavras de Barros (2003), que as práticas culturais do povo do Tapuia parte da memória de cada indivíduo. Isto reafirma a identidade deste povo. Com base em Andrade (2008, p. 570), “daí surgem os lugares de memória que são verdadeiros patrimônios culturais, projetados simbolicamente e podem estar atrelados a um passado vivo que ainda marca presença e reforça os traços identitários do lugar”.

Os relatos ouvidos nas entrevistas demonstram como o morador do Tapuia fala do lugar com saudosismo, evoca o passado se remetendo às suas memórias dotadas de significados, afetividade e sentimento de pertencimento. Gonçalo Xavier, ao se reportar à comunidade e sua história, relata que:

Festa agora, mai a festa lá era de oitubo, a festa do Tapuia antigamente era festa no mei de oitubo, na safra de aigodão, sabe, não era no mei de Santana não. Agora tamo festejano o dia da santa, o dia da santa é o dia de senhora Santana, mai fazia em oitubo, na safra de aigodão. Era assim as festa dali. Hoje num tem festa ali não, tem aquela de rua somente, não tem um carrossé, não tem uma brincadeira, não tem um terno, não tem nada, tem só aquela merda, aquilo é fronte (informação verbal<sup>2</sup>).

Através dos registros da memória, reconstrói-se a história de um determinado lugar cujas fontes escritas não são encontradas, como é o caso do Tapuia. Desconhece-se, através dos relatos colhidos, algum documento escrito que contenha a história do Tapuia. Logo, foi resgatando a memória dos mais velhos, através dos seus testemunhos, que tivemos a oportunidade de viajar no tempo e reconstruir a comunidade do Tapuia, mais precisamente a história da festa de Nossa Senhora Santana. Lourival Barbosa Cabral, ao recordar as histórias do Tapuia e da festa, afirma que:

---

<sup>2</sup> Entrevista concedida por Gonçalo Xavier ao pesquisador em 2016.

O Tapuio era um lugar que era intocável, todo mundo queria conhecer o Tapuio. Eu mermo ia pra lá cumer similare, qui é um doce muito bom. Eu era garotão, namorar, cumer similare e beber gasosa (informação verbal<sup>3</sup>).

Apesar das lacunas presentes nas histórias contadas pelos moradores locais, a memória é viva. Quando contam e recontam os momentos vividos, principalmente na infância, nota-se que o fazem com saudade daquele passado remoto, dando notoriedade e enaltecendo o lugar. Andrade (2008) nos lembra isto ao afirmar que:

A história ainda é viva na memória de sua gente, que conta com graça e saudade e enche os olhos de lembranças arrastadas pelo tempo travando uma luta com a idade que confunde datas, mas espelha sabedoria colhida através da experiência vivida (ANDRADE, 2008, p. 573).

Gonçalo Xavier, ao se referir às lembranças da infância, o faz com um sentimento saudosista:

Era no tempo do aigodão né, pra festejar o santo, festejava no tempo que o povo tinha dinheiro. Hoje, todo mundo tem dinheiro, mai pra trai, ninguém tinha o dinheiro que tem hoje. Era no tempo que tinha a safra de aigodão. Aí, as muié apanhava aigodão, tinha cinco conto de réis no bolso, aí ele fazia as festa, não tirava um tustão com ninguém não. Num pedia um tustão a ninguém o resto da festa. Ele pegava o que saía, comprava um garrote e colocava no ceicado. Quano tava tôro no mei de oitubo, ele pegava, vendia e fazia ota festa. Não andava pedindo a seu ninguém. Não chegava ninguém pedindo aqui em casa, nunca pediu não. Ele era amigo de meu pai, só andava junto, pra donde um fosse o outro ia, mai nunca pedia não, fazia a festa dele por conta dele. Só fazia no mei de oitubo. Agora inventaram setembo, 15 de novembro, no mei de Santana, mai num é qui nem era antigamente (informação verbal<sup>4</sup>).

Todas as histórias contadas ou recontadas oralmente, relembradas ou esquecidas, sensibilizam mais e nos revelam o sentimento de pertença que prevalece no lugar. Apesar das dificuldades que permeiam a vida de quem ali

---

<sup>3</sup> Entrevista concedida por Lourival Barbosa Cabral ao pesquisador em 2016.

<sup>4</sup> Entrevista concedida por Gonçalo Xavier ao pesquisador em 2016.

reside, os moradores jamais querem sair do lugar, sentem-se ligados e pertencentes a ele através da memória e identidade. A ligação maior está baseada na religiosidade local. Maria Ana de Araújo, moradora da comunidade Tapuia, evidencia essa forte ligação com o local ao afirmar que:

A festa parece que era só uma noite mesmo [...] tinha missa [...], antes de mim, eles fazia primeira comunhão. Eu fiz primeira comunhão também, na época em 72, porque eles faziam festa antes. Nessa época, existia faróis, essas coisas. Quando foi em 72, aí esse pessoal pensaram em fazer a festa de São Sebastião. Aí, em 71, foi feita a primeira festa de São Sebastião. Já quem cuidava mais era meus pais. Ele convidou esses zabumbeiro pra vim pra cá pra tocar, era de noite a novena. Aí, no outro dia, ele vinha, ele vinha só no dia de manhã, aqui ele ficava o dia todinho tocando. Eles ficaram até aqui nessa casa, meus pais dava comida pra eles, aí eles ficava. E nessa época já tava mais evoluído, que ele contratou um homem que morava lá in perto do Orobó, que tinha tipo um motor, aí eles trouxeram pra cá e botaram umas lâmpadas, aí já foi melhorando. Aí então, nessa época, já era com uns motor aqui, eu num me lembro porque assim, eu num prestava muita atenção nessas coisas, eu sei que passava a noite todinha com aquelas lâmpada acesa. Eles ficava no outro dia ia embora. Isso foi em 71. Em 72, aí teve a missa de manhã. Em 71, teve um casamento que era até minha prima que veio casar aqui. À noite, teve a missa. No outro dia que era o padre, eu num me lembro quem era o padre, meu Deus, era o padre Godofredo, parece que era. Aí foi embora (informação verbal<sup>5</sup>).

Há uma forte presença religiosa na comunidade do Tapuia, que se intensifica mais ainda nos preparativos da festa da padroeira no mês de julho. Como se percebe, a identidade religiosa desse povo é muito forte. Quando se pede para falar sobre a Comunidade, o que mais nos chama a atenção é o fato de se debruçarem especificamente sobre a festa da padroeira. É como se a história da comunidade Tapuia se resumisse a este evento.

Sabemos que o sujeito assume diversas identidades em diversos momentos, conforme nos esclarece Hall (2005, p.13), “A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”. Isto implica dizer que o homem é um ser fragmentado, assumindo diversas identidades na medida em que a sociedade se transforma.

---

<sup>5</sup> Entrevista concedida por Maria Ana de Araújo ao pesquisador em 2016.

Neste caso, uma das identidades assumidas pelos moradores do Tapuia é a religiosa, a que mais se intensifica, a mais presencial. Através das memórias do povo da comunidade, percebe-se um sentimento de pertencimento afluído na manifestação cultural, que é a festa de Nossa Senhora Santana.

Mesmo estando distantes de sua terra natal, ao ouvir falar da festa de Nossa Senhora Santana, seus moradores se sentirão pertencentes àquela localidade. Esta prática cultural faz parte da vida deles, atribui-lhes uma identidade e eles se identificam como pertencentes a um grupo que participa de toda a festividade em torno da padroeira. A festa faz parte do lugar de memória do povo da comunidade, permitindo ao indivíduo se transportar para o ambiente ao qual se sente enraizado. É neste sentido que se buscará, através das narrativas dos moradores da comunidade do Tapuia, compreender como se deu a devoção a Nossa Senhora Santana, a ponto de algumas pessoas oferecerem à santa seus filhos como afilhados.

Eles tumaro muito padrinho sinhora Santana na época. Ia, arrumava um padrinho e a madrinha era sinhora Santana. Isso aconteceu muito [...]. Pessoa eu num conheço, eu conheço outras pessoas que era afilhado de nossa senhora, inclusive meu tio e avô de Felix, Generim Ferreira de Lima. O padrinho era um amigo nosso de Aruêra e a madrinha era sinhora Santana (informação verbal<sup>6</sup>).

Através da oralidade, é possível resgatar memórias e construir identidades de um povo que, durante anos, viveu numa localidade que passou por transformações e que hoje recorda momentos que, aos poucos, vão se perdendo na história, caso não sejam transmitidos oralmente aos seus descendentes ou registrada através de documentos escritos a historicidade local.

É neste contexto que se procura problematizar as práticas culturais religiosas do Tapuia, resignificando e reconstruindo a história da festa de Nossa Senhora Santana considerada como patrimônio imaterial do município de Gado Bravo – Paraíba.

---

<sup>6</sup> Entrevista concedida por Lourival Barbosa Cabral ao pesquisador em 2016.

## 1.2 Festa de Santa Ana como patrimônio histórico e cultural

Não há como se falar sobre memória sem não se remeter à história e ao patrimônio. Quando se fala a palavra *patrimônio*, o que nos vem à mente são as heranças deixadas por nossos familiares, seja no caso de objetos, peças de museu, roupas, dentre outros artefatos. Todavia, é necessário compreender que o patrimônio vai além de monumentos e peças antigas. É preciso ter uma visão mais ampla do que se considerada patrimônio.

Nas palavras de Fonseca (2003, p. 56), é comum as pessoas relacionarem patrimônio histórico como o “[...] conjunto de monumentos antigos que devemos preservar”. Entretanto, é necessária uma reflexão ampla do que venha a ser patrimônio cultural. A Constituição Federal datada de 1988, na seção II, que engloba o tema cultura, esclarece em seu artigo 215 que:

O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais. § 1º O Estado protegerá as manifestações de culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional (BRASIL, 1988, art. 215).

Como se percebe, é assegurado por lei o acesso à cultura, sem distinção de classe. No que tange às manifestações culturais, elas promovem a aproximação das pessoas, que passam a admirar, respeitar e valorizar o patrimônio cultural brasileiro. Patrimônio este que, segundo o art. 216 da Constituição Federal de 1988, define-se como:

Os bens da natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira nas quais se incluem:

- I.As formas de expressão;
- II.Os modos de criar, fazer e viver;
- III.As criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV.As obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico- culturais;
- V. Os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988, art. 216).



Quanto ao documento acima mencionado, o inciso II considera como patrimônio cultural todos os modos de viver de uma sociedade, seus costumes e invenções, isto é, o modo como ele participa da vida em comunidade. Todavia, há estudiosos que fazem uma reflexão mais ampla sobre patrimônio, como é o caso de Hartog (2006), que relaciona o patrimônio à memória ao elucidar que:

Passando para o lado da memória, ele se torna memória da história e como tal símbolo da identidade. Memória patrimônio, história, identidade, nação se encontram reunidos na evidência do estilo direto do legislador (HARTOG, 2006, p.266).

Existe, portanto, nesse caso, uma ligação entre memória e patrimônio.

Fonseca (2003) ressalta que a forma como as políticas de patrimônio cultural está sendo estruturada atualmente está longe de conceber o verdadeiro significado do que venha a ser patrimônio cultural, visto que ainda se considera como patrimônios culturais os conjuntos arquitetônicos, as obras de arte, os sítios arqueológicos, deixando à margem as narrativas orais, que também são tidas como patrimônio e promovem a construção de uma identidade cultural. Vejamos o que assevera Hartog (2006) acerca de patrimônio:

O patrimônio é uma maneira de viver rupturas, de reconhecê-las e reduzi-las, referindo-se a elas, elegendo-as produzindo semióforos Inscrito na longa duração da história ocidental, a nação conheceu diversos estados, sempre correlatos com tempos fortes de questionamentos da ordem do tempo. O patrimônio é um recurso para o tempo de crise. Se há assim memória do patrimônio, seria ilusório nos fixarmos sobre uma acepção única do termo (HARTOG, 2006, p. 272).

O mesmo autor ainda frisa que não basta apenas considerar algo como patrimônio. É necessário reconhecer sua autenticidade para que se possa transmitir intergeracionalmente as informações autênticas, já que “o patrimônio é constituído de testemunhos, grandes ou pequenos” (HARTOG, 2006, p. 269).

É preciso, portanto, ter consciência do valor simbólico do patrimônio cultural, se este tem autenticidade, para que possa definir a identidade de um

povo, seja através da herança legada da família, seja através dos valores que são passados intergeracionalmente. Do mesmo modo que se pode definir a identidade de uma pessoa através de heranças deixadas por seus parentes, é possível, mediante as palavras de Gonçalves (1988), definir a identidade de uma nação através de manifestações culturais, dos monumentos que retratam um passado. Posteriormente, pode-se, através desse passado, analisar o presente e garantir “a continuidade da nação no tempo” (GONÇALVES, 1988, p. 267).

Outro autor que enfatiza a problemática do patrimônio cultural é Canclini (1993). Assim como foram mencionadas anteriormente as concepções de outros autores, este também afirma que o patrimônio é bem mais que o resultado da herança de um povo, incluindo também “[...] os bens culturais, visíveis e invisíveis: novos artesanatos, línguas, conhecimentos, documentação e comunicação” (CANCLINI, 1993, p. 95-96).

O autor ressalta também que o patrimônio cultural, muito embora seja um lugar de solidariedade, é também um lugar do que se chama de cumplicidade social. Mesmo que existam museus, escolas, e estejam abertos a todos, sabemos que a questão social influencia sobremaneira no que se refere a ter acesso a tais conhecimentos. Quanto menor o grau de instrução e o poder econômico, menor será o acesso da pessoa ao capital cultural. A respeito do patrimônio, argumenta Canclini (1993, p. 97):

Se é verdade que o patrimônio serve para unificar a nação, as desigualdades na sua formação e apropriação exigem que se o estude também como espaço de luta material e simbólica entre as classes, as etnias e os grupos.

Logo, quanto menos conhecimento o indivíduo tem, menos chance de compreender e adquirir o capital cultural terá. Todavia, o mais importante é entender que o patrimônio cultural é algo a ser possuído, preservado e restaurado para que as futuras gerações possam ter contato com este patrimônio.

É necessário também apreender que é preciso analisar o termo *patrimônio cultural* de uma forma mais ampla, e não apenas como resultado de um resgate dos bens materiais, herdados por parentes ou representantes de

um determinado período ocorrido na sociedade. Far-se-á necessário valorizar o que chamamos de patrimônio imaterial, isto é, os bens simbólicos, as manifestações populares, o ato de criar, de representar aquele momento através de suas danças, músicas, costumes, literatura, algo que seja transmitido a outrem através das narrativas orais.

Conforme assevera Fonseca (2003, p. 69), “Interpretações e instituições, assim como lendas, mitos, ritos, saberes e técnicas, podem ser considerados exemplos de um patrimônio dito imaterial”. Castro (2008), num documento que trata da legislação e políticas estaduais intitulado *Patrimônio Imaterial no Brasil*, produzido em colaboração com a UNESCO e o Instituto Brasileiro de Educação e Cultura (EDUCARTE), visando a desenvolver estudos acerca da preservação do patrimônio cultural imaterial, esclarece que:

A conceituação do Patrimônio Cultural Imaterial no Brasil acompanha de perto essa formulação. O Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, que institui o registro e cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial compreende o Patrimônio Cultural Imaterial brasileiro como os saberes, os ofícios, as festas, os rituais, as expressões artísticas e lúdicas, que integradas à vida dos diferentes grupos sociais configuram-se como referências identitárias na visão dos próprios grupos que as praticam (CASTRO, 2008, p. 12).

Como se nota, o conceito de patrimônio cultural imaterial abarca todas as manifestações de um povo, independentemente de classe social. É neste contexto que festejos realizados na comunidade do Tapuia em homenagem à santa padroeira local devem ser considerados um patrimônio cultural imaterial da cidade de Gado Bravo, pois o festejo é dotado de um forte simbolismo, ao passo que representa para a comunidade Tapuia e para as comunidades vizinhas uma tradição que vem ao longo dos anos se consolidando. É uma festa esperada por todos que visitam anualmente aquele lugar.

Por conseguinte, é preciso que se registrem essas práticas culturais. Mesmo que sejam transmitidas intergeracionalmente, podem se perder no tempo, devido às transformações sociais que ocorrem constantemente. Precisa-se reconhecer e valorizar esse patrimônio imaterial. Nesse sentido, Castro (2008) afirma que:

Em 4 de agosto de 2000, o Decreto n° 3.551, que institui o Registro de bens Culturais de Natureza Imaterial, define um programa voltado especialmente para estes bens. O decreto rege o processo de reconhecimento de bens culturais como patrimônio imaterial institui o registro e, com ele, o compromisso do Estado em inventariar, documentar, produzir conhecimento e apoiar a dinâmica dessas práticas socioculturais. Tem que favorecer um amplo processo de conhecimento, comunicação, expressão de aspirações e reivindicações entre diversos grupos sociais (CASTRO, 2008, p. 18).

Destarte, essas expressões sociais devem se perpetuar através das novas gerações, e isto é possível através dos planos que, segundo Castro (2008), são denominados de planos de salvaguarda. Nas palavras da autora supracitada, o objetivo primordial do referido plano é apoiar os bens culturais de natureza imaterial e promover condições de vida melhores para os produtores desses bens, além de dar-lhes continuidade através de futuras gerações que poderão fazer um resgate desses bens culturais deixado por seus antepassados. O plano de salvaguarda é dotado de algumas ações que, de acordo com Castro (2008, p. 24), devem considerar:

- 1) Apoio à transmissão do conhecimento às gerações mais novas;
- 2) Promoção e divulgação do bem cultural;
- 3) Valorização de mestres e executantes;
- 4) Melhorias das condições de acesso a matéria- primas e mercados consumidores;
- 5) Organização de atividades comunitárias.

É necessário que as pessoas se sensibilizem e reconheçam a importância dos bens imateriais para que se possa promover a divulgação dos saberes da cultura popular e, conseqüentemente, preservar esses bens que dão sentido à identidade de uma determinada geração. Nesse diapasão, a festa da padroeira Nossa Senhora Santana no Tapuia é um patrimônio imaterial do município de Gado Bravo.

A festa é uma manifestação cultural cada vez mais presente na sociedade. As pessoas se utilizam dela para comemorar algo, ou até mesmo apenas para o lazer, para se distrair, descontrair e esquecer as dificuldades e obstáculos da vida. Além disso, propicia encontros e reencontros.

Independentemente de classe social, a festa propicia a livre expressão do indivíduo em seu meio social. Conforme afirma Bueno (2008), o lazer se tornou uma necessidade de cada indivíduo, sem que isto tenha relação com classe social.

Desde tempos remotos, o ser humano procura um meio para se confraternizar, ainda que seja na simplicidade, constituindo uma forma de expressar seus desejos, de manifestar culturalmente as simbologias do coletivo.

A festa - esses eternos rituais que acompanham o homem em momentos suspensos, extraídos da linearidade do tempo cotidiano - tem muitas modalidades, mas seja qual for a sua forma de expressão, os momentos de lazer proporcionados por elas, tem sempre um caráter participativo e a forma de convivialidade que ela cria reforça e nutre os laços sociais. O tempo vivido na festa é um tempo extraído do cotidiano porque cria um envolvimento que permite um distanciamento das preocupações, especialmente aquelas decorrentes do trabalho e/ou medo subjacente de perdê-lo (BUENO, 2008, p. 52).

A festa atua como mediadora, visto que promove a troca de vivências e experiências de um grupo social. Nesse contexto, Farias (2012) afirma que:

Dessa maneira, a festa revela-se desempenhando um importante papel na relação entre o homem e o meio, pois estas manifestações sempre refletiram o modo como os grupos sociais pensam, percebem e concebem seu ambiente, valorizam mais ou menos certos lugares (FARIAS, 2012, p.10).

Ao relatar sobre a festa da padroeira Nossa Senhora Santa Ana, Lourival Barbosa Cabral relembra como era o novenário e quantos dias durava o evento:

Uma semana. Era novena de noite, nove noite e a última noite era a novena de Nossa Senhora Santana. “Oh Ana, Santa gloriosa, nossa santa mãe querida”. Eu ia tanto lá que aprendi [...]. A abertura da novena é essa aqui. [...] “Oh Ana, santa gloriosa, nossa santa mãe querida. Oh Ana, mãe de Jesus, nossa santa mãe querida, oh Ana, avó de Jesus, nossa santa mãe querida, pedimos a Deus socorro nos trabalhos dessa

vida. Oh Ana, mãe de Maria, nossa santa mãe querida, oh Ana, mãe de Maria” (informação verbal<sup>7</sup>).

Outro fato marcante em relação às festas é que elas mobilizam o turismo e a economia local. Quando a festa é tradicional, isto é, aquela que ocorre anualmente, como é o caso da Festa da Padroeira de Nossa Senhora Santana, consegue movimentar a economia local e circunvizinha, além de promover a divulgação local. O morador Lourival Barbosa Cabral fala sobre isto nos seguintes termos: “A alimentação era pão, bulacha, a gente cumia bulacha com gasosa, similare, isso era coisa muito comum, e queijo. Queijo tinha de sobra que aqui era a terra do queijo, nera?” (informação verbal<sup>8</sup>).

Seja profana ou religiosa, a festa quebra barreiras e aproxima as pessoas, revelando identidades e favorecendo a participação do coletivo, além de contribuir para a inserção do indivíduo que esteja participando da festa em outras culturas. Logo, a festa é bem mais que um meio encontrado pelo sujeito para se distanciar da monotonia cotidiana. Para Bueno (2008, p. 58):

A festa supõe, evidentemente, o acolhimento o “outro”, uma expansividade coletiva. A alegria e despreocupação que permeia a festa e cuja função primordial é criar e estabelecer relações seria o antídoto para a acentuada tendência da modernidade de suprimir os vínculos sociais.

Na medida em que se objetiva realizar uma determinada festa, o mais comum é que se planeje com antecedência, principalmente se for uma festa de grande porte. No caso de festas tradicionais, como festa do padroeiro local, elas mobilizam toda a comunidade ou então um determinado grupo de pessoas para organizar o evento.

Neste caso, a participação do coletivo é de suma importância para o planejamento das ações realizadas durante o evento, não obstante se se tratar de atividades religiosas ou profanas. Os festejos, diante de sua montagem e elaboração, aproximam bem mais os membros daquele grupo comunitário, que juntos definem as tarefas que cada um daqueles personagens realizará para que, ao fim de tudo, o objetivo seja alcançado: fazer as homenagens ao santo

---

<sup>7</sup> Entrevista concedida por Lourival Barbosa Cabral ao pesquisador em 2016.

<sup>8</sup> Idem.

(no caso da festa de padroeiro) e agradecer ao público que ali se encontra para prestigiar o evento.

As festas e devoção aos santos no Brasil ocorrem há muito tempo. Desde o período colonial, quando estavam ligadas às leis e normas eclesiais. Neste período, segundo Farias (2012), as pessoas se organizavam em torno da devoção a um santo. Elas eram pertencentes ao grupo de irmandades, geralmente pessoas leigas que juntas planejavam e executavam aquele evento religioso como forma de assumir sua religiosidade e reafirmar sua identidade enquanto morador local.

As irmandades constituíram umas das formas mais comuns de agrupamento de leigos que se reuniam com o objetivo de promover e incentivar a devoção a um santo protetor e tinham como principal atividade, a festa ao santo de devoção, que representavam para os seus membros um momento de alegria, de transgredir, de questionar a sociedade vigente, mas sobretudo de afirmar seus valores culturais e religiosos (FARIAS, 2012, p. 11).

Esta herança cultural da devoção dos santos está até hoje presente em nossa sociedade. Tanto nas grandes como nas pequenas cidades, ou até mesmo em pequenas comunidades, o ato devocional se reafirma a cada ano e ganha notoriedade a partir do momento em que o evento se torna tradição, como é o caso da Festa de Nossa Senhora Santana na comunidade Tapuia-Gado Bravo, uma localidade com pouquíssimos moradores, mas que realiza anualmente um dos maiores eventos do município. Uma festa de grande importância para o município do qual faz parte. Prova disto é que o dia 26 de julho é considerado feriado instituído por lei municipal devido à grandiosidade da festa.

Cabe ressaltar que, na sede do município, há outra festa devocional ao santo padroeiro, quando é homenageado São José. É igualmente um evento de grande proporção, que reúne centenas de devotos ou pessoas que, mesmo não sendo devotas do santo, vão à cidade prestigiar a celebração.

As festas religiosas constituem um sistema de práticas rituais e significados que transitam pelo universo religioso e ultrapassam as fronteiras da igreja. Interrompem o cotidiano e

expressam as formas identitárias dos grupos, onde o motivo do encontro, da fé, e da celebração, atrai os devotos e os indivíduos da mesma identidade (FARIAS, 2012, p. 11).

Ao lembrar da festa de Nossa Senhora Santana, Ana Maria da Conceição afirma:

Toda vida eu aicancei a festa de Nossa Senhora Santana, carrossé e balanço, festão aí à noite, o dia todo e à noite [...] muita gente, inda hoje é, só num tem essa história de carrossé, balanço, que num tem, acabô-se tudo (informação verbal<sup>9</sup>).

É neste contexto que a festa de Nossa Senhora Santa Ana no Tapuia-Gado Bravo atrai centenas de fiéis e/ou turistas no dia 26 de julho de cada ano. Para conhecer como surgiu esta festa, é preciso nos reportarmos à história. Índícios apontam que tudo começou na segunda metade do século XIX, quando o padre Ibiapina e seus seguidores constroem uma capela na comunidade de Bodocongó, onde hoje localiza-se a cidade de Barra de Santana, construída em honra e homenagem a Nossa Senhora Santa Ana.

Este município, cujo nome foi modificado para Barra de Santana, fica às margens do Rio Bodocongó, que deságua no Rio Paraíba. É este mesmo rio em cujas margens fica a comunidade Tapuia e cuja padroeira também é Nossa Senhora Santana, o que implica dizer que a devoção a esta santa desceu rio abaixo. A alguns quilômetros, descendo o Rio Paraíba após Barra de Santana, há uma comunidade denominada de Santana, e, mais abaixo, chega-se ao Tapuia. Todas elas têm algo em comum: a devoção a Nossa Senhora Santana.

Esta devoção surgiu na segunda metade do século XIX a partir da construção da igreja de Barra de Santana, cuja fundação ocorreu em 1873, data que está afixada em sua faixa. Na história de Umbuzeiro, município que faz limite com Gado Bravo, relata-se que, na segunda metade do século XIX, mais exatamente em 1870, padre Ibiapina e seus seguidores construíram uma igreja.

Na comunidade do Tapuia, que fica às margens do Rio Paraíba e se localiza entre os municípios de Barra de Santana e Umbuzeiro, também foi

---

<sup>9</sup> Entrevista concedida por Ana Maria da Conceição ao pesquisador em 2016.



construída uma capela (hoje desativada). Segundo relatos de moradores, não se sabe ao certo a data de sua construção, mas deduz-se que o Tapuia e a devoção a Nossa Senhora Santana tiveram origem graças à influência e à participação do padre Ibiapina e seus seguidores.

Acredita-se que, além da capela, a primeira da localidade, o padre Ibiapina também construiu o cemitério, visto que, nesse período, nas comunidades que ficam às margens do Rio Paraíba, foi ele o responsável pela construção de igrejas e cemitérios. Os moradores locais, apesar de não terem muitas recordações acerca das missões de padre Ibiapina pelo Nordeste, recordam que os seus antepassados já falavam sobre o padre, como é o caso de Lourival Barbosa Cabral:

Olha, do padre Ibiapina meus avóis falava muita coisa. Nem só no Tapuia, falava muito sobre o padre Ibiapina no Tapuia, em Umbuzêro, na Barra, em Pedra Lavrada, finalmente no Nordeste, ali em Gravatá do Ibiapina. Padre Ibiapina foi um andarilho e que cuidou de muita coisa no Nordeste. E isso aí é pura verdade porque os antigo via e passou de língua pra língua, né? E eu tô dizendo o que os ôtos dizia. E ir no Juazeiro a pé, parece uma mentira, né? Meu avô foi duas vez a pé, era um mês pra ir e vim. Lá em vajada, o meu avô, ele dizia que todo mundo pra comer tinha que trabalhar. E pra ir pro Juazêro a pé, tinha que ter a época de ir. Se fosse mês de trabalho não ia, porque era um mês, perdia um mês de trabalho. E por aqui e no geral, os padre também não achava muito bom botar o nome de Cícero, porque o povo era muito ligado ao pade Ciço porque ele tava vivo, né? Inclusive até hoje o povo inda tem a merma rumaria, né, apesar de ser a carro, mas o povo ainda vai (informação verbal<sup>10</sup>).

Deduz-se, portanto, que a festa de Nossa Senhora Santana teve início logo após a construção do cemitério e da primeira capela do Tapuia, na década de 70 do século XIX; o ano exato não se sabe. A partir de São João do Cariri e Cabaceiras, o Rio Paraíba teve sua colonização iniciada em fins do século XVIII. Famílias descendentes de portugueses foram descendo o Rio Paraíba, construindo casas e se fixando às margens desse rio, dando origem a várias comunidades, a exemplo de Barra de Santana, antiga vila de Bodocongó, Conceição do Buraco, Santana, Tapuia, Barra de Natuba e comunidades um

---

<sup>10</sup> Entrevista concedida por Lourival Barbosa Cabral ao pesquisador em 2016.

pouco mais afastadas do rio, como Sítio São Bento, Sítio Alecrim, Oratório, dentre tantos outros.

Desta feita, a festa de Nossa Senhora Santana surgiu com a construção da capela a partir de 1870. Provavelmente, já existia um número razoável de pessoas nessas localidades às margens do Rio Paraíba. Um dos objetivos da construção de cemitérios por parte de padre Ibiapina e seus seguidores era combater as epidemias, principalmente a epidemia de cólera. Isto nos leva a crer que o Tapuia era bastante povoado. Atualmente, não é mais.

Essas pessoas passaram a participar da construção dos prédios locais e também da festa, o que acarretou para elas um sentimento de pertencimento local. As famílias foram se dispersando, subindo o Rio Paraíba e se fixando onde hoje está localizado o município de Gado Bravo. Desse modo, anualmente, no dia 26 de julho após 1870, voltavam à comunidade do Tapuia para festejar a santa padroeira local.

Passaram-se décadas e ainda hoje, em pleno século XXI, todos os anos a festa é realizada e atrai uma multidão. Estima-se que na última edição do evento, ocorrida em 2015, havia um aglomerado de aproximadamente três mil pessoas, visitantes de municípios vizinhos e também distantes dos Estados de Pernambuco e da Paraíba. Neste mesmo período, ocorre a tradicional festa de Nossa Senhora Santana em Barra de Santana. A celebração teve início há 143 anos, o que nos remete a 1873, ano de construção da capela local. Isto implica dizer que tanto a festa de Barra de Santana como a do Tapuia ocorreram na mesma década, talvez uma antes da outra.

Em Gado Bravo, boa parte das famílias descendes dessas pessoas que desceram o Rio Paraíba no final do século XVIII e início do século XIX se fixou em torno da comunidade do Tapuia. Com isto, sentem-se pertencentes às suas origens, que partiram da comunidade do Tapuia tendo como elemento de união e identidade a construção da capela e do cemitério local, e como elemento maior de identidade a festa de Nossa Senhora Santana.

Os principais sobrenomes das famílias de Gado Bravo tiveram seus ancestrais enterrados no cemitério do Tapuia, o único existente no século XIX nesta região. Acredita-se que, além de enterrar seus mortos naquele cemitério,

pedia-se a proteção à Senhora Santana, aumentado ainda mais a ligação das pessoas desse município com a santa ao pedir proteção às almas.

A devoção a Nossa Senhora Santana é tão forte a ponto de as pessoas da localidade e de municípios vizinhos oferecerem seus filhos a Santa Ana como afilhados. O padrinho era um amigo, uma pessoa do seu agrado, e a madrinha era Senhora Santana. Inclusive um dos entrevistados, Manoel Barbosa Pereira, afirma ser afilhado da santa, o que, para ele, é uma honra: “Me sinto orgulhoso, né, porque graças a Deus conseguiram me dar a senhora pra ser madrinha” (informação verbal<sup>11</sup>).

A prática ocorria entre pessoas das camadas populares ou da elite, pois era comum presenciar o batismo de uma criança tendo a santa como madrinha. Segundo relatos de uma moradora local, o ex-prefeito de Gado Bravo, o Sr. Paulo Alves Monteiro, é um deles. Este mesmo senhor nasceu no município de Aroeiras. Todavia, seus familiares tinham contato direto com os moradores de Gado Bravo. A moradora Ana Maria da Conceição afirma: “Vi falá que é doutô Palo é, Lourival, eu num sei se é, sei que ele vem muito aqui eu sei que dr. Palo é. Pode falar pra ele que ele di, ele já dixeu aqui à gente. Agora o zôto eu num sei mai não” (informação verbal<sup>12</sup>).

Fica patente a grande devoção à santa e, por sua vez, a grandiosidade da festa que a cada ano atrai mais devotos e turistas. Por isso, continuam vivas e cultivadas a ligação e a devoção dos habitantes do município de Gado Bravo com a Senhora Santana. Outro indício de que essa ligação é tão forte é que, apesar da localidade ser de difícil acesso (passa-se por uma estrada de terra; quando chove, torna-se quase impossível chegar lá), as pessoas não deixam de participar da festa, uma das mais esperadas do município, perdendo apenas para a festa de padroeiro local, São José.

A festa da padroeira, durante muitos anos, adotou o mesmo estilo. Geralmente, rezava-se um novenário, ou seja, nove noites de orações na capela. Só o dia 26, a festa se tornava um pouco maior, pois, além da missa, com direito a procissão da santa, havia as chamadas bandas cabaçais, que ao término da missa se apresentavam no pátio local: “Uma semana. Era novena

---

<sup>11</sup> Entrevista concedida por Manoel Barbosa Pereira ao pesquisador em 2016.

<sup>12</sup> Entrevista concedida por Ana Maria da Conceição ao pesquisador em 2016.

de noite, nove noite. A última noite era a novena de Nossa Senhora Santana” (informação verbal<sup>13</sup>).

De acordo com a moradora Edinalva Barbosa Cabral, só no ano de 2007 que houve a transição de uma festa apenas religiosa para profana. Neste ano, começou a ter apresentações de bandas de forró, bregas e outros estilos musicais, além de apresentações culturais, como quadrilhas juninas. “De 2007 pra frente, antes era banda de pife, as pessoas ficavam só escutando aqueles pife” (informação verbal<sup>14</sup>).

Outra moradora confirma tal afirmação ao nos relatar que antes era apenas um novenário, e o faz saudosa dos tempos de infância e mocidade:

Num sei. Música tinha zabumba, num sabe? Que vinha um povo lá do Oratório e vinha com a zabumba pá tocar aí na festa. Aqueles bêbo dançava, né? E hoje em dia, não. Tem uma história de banda e passa a noite toda. É “Tuintuin” e os nêgo bebendo e sathando por lá, né? Pronto, é o que eu sei contar é isso, mais nada (informação verbal<sup>15</sup>).

Vale salientar que isto não significa que a festa se tornou grandiosa por conta dessas atrações. Relatos confirmavam que bem antes já se presenciava um grande número de participantes. As atrações que havia antes de 1995, além da banda de pífanos (cabaçais), eram o carrossel e barracas com venda de guloseimas, o que ainda hoje é comum. O carrossel não existe mais. Todavia, as barracas aumentaram em número e diversidades de produtos à venda, já que não se vende apenas alimentação, mas também brinquedos, bugigangas, dentre outros objetos. Maria Ana de Araújo relata:

É assim, o conhecimento que eu tenho aqui é porque era, havia procissão, né? Era, começava da igreja até o final do povoado e o padre celebrava a missa. O padre Godofredo celebrava a missa. Assim, aí à noite tinha a festinha, que era à noite. Tinha pastoril, era balanço, tipo de diversão, né, e pavilhão, as pessoas é... pediam. Aí, o que se pedia eles prenda, como se diz a história, né? Aí, eles leiloava ali, tinha

---

<sup>13</sup> Entrevista concedida por Lourival Barbosa Cabral ao pesquisador em 2016.

<sup>14</sup> Entrevista concedida por Edinalva Barbosa Cabral ao pesquisador em 2016.

<sup>15</sup> Entrevista concedida por Ana Maria da Conceição ao pesquisador em 2016.

aquele leilão, eles leiloava pra os partido, é disputa dos partido azul e vermelho. E era isso a diversão (informação verbal<sup>16</sup>).

Outra moradora nos confirma isso. Ao reportar as atrações da festa, Ana Maria da Conceição recorda:

Tinha, toda vida tinha de barro, viu, era ali, de taipa, sabe? Uma carrêra de butiquin, sabe? Mai caiu tudo, era feito de taipa. Vendia tudo que tinha pá vender, era bolo, era cachaça, era vinho, era guaraná, essa história de comida assim, até hotel vendia comida assim, sabe? Cuzinhava carne, fazia aimoço pu povo (informação verbal<sup>17</sup>).

Além dessas atratividades, tinha a tradicional missa e a procissão com a imagem da santa, que percorria a vila em frente à igreja e retornava. Atualmente, a procissão sai da casa de Maria de Lurdes. A missa era realizada por padres que vinham de Umbuzeiro. Foram citados alguns: Cônego Ramalho, Godofredo, Edwards, Rômulo; atualmente, a paróquia de Aroeiras é quem responde pela capela do Tapuia, cujo administrador é padre Antônio Araújo, juntamente com o vigário paroquial Marcondes. Portanto, são esses padres que realizavam missa na comunidade uma vez por mês e também na festa de Nossa Senhora Santana. Ao reportar os celebrantes das missas, Gonçalo Xavier nos diz:

Vinha de Umbuzêro. Antigamente, era o padre Cônego Ramalho de Umbuzêro. Depois que ele morreu, veio um padre alemão. Depois do padre alemão, chamaram o padre Edwarde em 52. Ele tomou posse em 52 e só laigou quando morreu (informação verbal<sup>18</sup>).

É perceptível, na fala do Sr. Gonçalo, que as lembranças que ele tem da comunidade referentes aos padres que celebravam as missas locais são do tempo de sua mocidade. Ele é o único morador que recorda do Cônego Ramalho. Outra moradora que se refere às missas realizadas no Tapuia é Ana Maria da Conceição. Ela afirma:

---

<sup>16</sup> Entrevista concedida por Maria Ana de Araújo ao pesquisador em 2016.

<sup>17</sup> Entrevista concedida por Ana Maria da Conceição ao pesquisador em 2016.

<sup>18</sup> Entrevista concedida por Gonçalo Xavier ao pesquisador em 2016.

Cheguei, missa todo mês naquela igrejinha que tá se acabando, era té o páde Edvardo do Umbuzêro, esse morreu. Ele vinha, chegava na hora, né? Que a missa era de onze hora, aí celebrava a missa, passava uns tempo curvessando mais o povo e aí ia simbora. Quando o ri tava chei, ele passava na barca e ia simbora, ele e Renato (informação verbal<sup>19</sup>).

Vários padres já celebraram missas no Tapuia. Relata-se que, antigamente, o padre vinha, rezava missa, dormia ali mesmo no Tapuia e apenas no outro dia ia embora. Atualmente, as pessoas responsáveis pela organização da festa da padroeira são: Ivan Barbosa e sua esposa, Edinalva, com a ajuda da professora Maria Ana. Todavia, antigamente, outras famílias se responsabilizavam por organizar estes festejos.

Moradores mencionam nomes como Sampaio, Zé Freire, Fabilicio de Castro Pereira, Cazuza Ferreira, Severino Xavier de Moraes, mais conhecido como Severino Felix, e Manoel Barbosa Pereira. Este último recentemente passou a organização da festa para seu filho, Ivan Barbosa, e família, que pretendem dar prosseguimento à realização do evento. Na fala de Edinalva, moradora local, ela diz: “E hoje, eu e Ivan dá continuidade à festa. Somos responsáveis pela festa de hoje atual, tamo dando seguimento, né, até um dia, quando Deus quiser” (informação verbal<sup>20</sup>).

Gonçalo Xavier recorda alguns nomes que, segundo ele, foram as pessoas que estiveram à frente do novenário tempos atrás, do qual ele pouco recorda por não ter participado desses eventos até a idade adulta. Ao se reportar sobre estes organizadores, ele afirma:

Eu num sei não, praque o Tapuia eu conheci quando eu era minino novo, era o finado Sampaia que dominava, fazia festa, festa todo ano, fazia festa. Aí, de lá pra cá, ele morreu. Ficou Zé Freire, que é da famia desse minino, fez dois ano festa. De lá pra cá, não fizeram mais não. Depois, ficou Nequim ali fazendo e hoje tem algumas lá, né? Os primêro eu não sei não, quem criou não. Eu sei que tinha um tá de ouvi falar que tinha um fuguetêro véi que fazia festa, né, um tá de Francisco. Era quem fazia festa do Tapuia, mai eu não conheci ele não, conhecia esse véi que eu disse, Gueba, o finado Zé Felix, que era pai de cumpade Toim, que foi que fazia antigamente

<sup>19</sup> Entrevista concedida por Ana Maria da Conceição ao pesquisador em 2016.

<sup>20</sup> Entrevista concedida por Edinalva Barbosa da Silva ao pesquisador em 2016.

quando eu era novo. De lá pra cá, o fio dele fez uma festa e Zé Freire do Mulungu (informação verbal<sup>21</sup>).

Manoel Barbosa, ao recordar este assunto, relembra apenas dos seus antepassados que estiveram à frente do evento, quando ainda existia apenas a primeira capela local:

Não sei direito não, mas já ouvi falando que quem começou a primeira igreja daqui foi Fabilicio de Castro Pereira. Depois que chegou aqui um tal de Cazuzza Ferreira e começaram as festa aqui e até hoje tem essa festa na comunidade (informação verbal<sup>22</sup>).

Lourival Barbosa Cabral também se recorda das famílias que, no decorrer desses anos, propuseram-se a organizar a festa de Nossa Senhora Santana no Tapuia.

Quem governava tudo ali no Tapuio era a família do finado Sivirino Felix, junto com a família, era a família do finado Sivirino Felix. Ele se chamava Sivirino Xavier de Moraes, mas tinha apelido de Sivirino Felix. Ainda hoje tão lá organizando, porque fôro morreno as pessoas mais antiga e foi ficando onde tá em boas mãos atual. Lá tem uma minina chamada Lia. Ela, coitada, é uma professora antiga qui nem casou, é quem toma conta de tudo no Tapuio. Se você chegar e perguntar “quem é Lia?”, todo mundo vai te dizer, e o dono da casa qui ela mora é Neco (informação verbal<sup>23</sup>).

Nota-se, portanto, nas narrativas dos moradores que nem sempre eles recordam os mesmos nomes dos organizadores da festa. Eles confundem fatos e se reportam ao passado, que geralmente teve ligação com sua infância.

Sendo assim, este evento envolve toda a comunidade. No município de Gado Bravo, pessoas são chamadas para serem padrinhos e madrinhas da festa, colaborando financeiramente para a realização do evento. Sendo assim, a festa de Santana é uma das mais esperadas no município, não apenas por sua grandiosidade, mas pelas simbologias que ela representa.

---

<sup>21</sup> Entrevista concedida por Gonçalo Xavier ao pesquisador em 2016.

<sup>22</sup> Entrevista concedida por Manoel Barbosa Cabral ao pesquisador em 2016.

<sup>23</sup> Entrevista concedida por Lourival Barbosa Cabral ao pesquisador em 2016.

## **CAPÍTULO II**

### **FESTA DE SANTANA NAS NARRATIVAS E MEMÓRIAS DE MORADORES DA COMUNIDADE RIBEIRINHA TAPUIA-PB**

Neste capítulo, vamos refletir sobre a história da comunidade a partir das narrativas dos moradores num primeiro momento. Num segundo momento, faremos alusão à festa de Nossa Senhora Santana utilizando imagens e as falas dos moradores sobre como ela surgiu, como era sua organização, as canções ou hinos que eram relativas às festas e todas as práticas culturais relativas às festividades de Nossa Senhora Santa Ana.

#### **2.1 Antecedentes históricos sobre a comunidade Tapuia**

Neste item, nossa proposta é discutir sobre a trajetória histórica da comunidade Tapuia nas narrativas dos moradores. Abordaremos a história da comunidade Tapuia utilizando as fontes orais, ou seja, as narrativas dos moradores mais antigos da comunidade e seus conhecimentos sobre a sua história, que contribuirão para as nossas reflexões.

A comunidade Tapuia ou Tapuio, já que algumas pessoas a chamam das duas formas, localiza-se às margens do Rio Paraíba, em território pertencente ao município de Gado Bravo-PB, na fronteira com o município de Umbuzeiro-PB. O rio é a marca divisória desses dois municípios. Atualmente, o Tapuia limita-se ao sul com o município de Umbuzeiro; ao norte, com o Sítio Caboclo; a oeste, com o Sítio São Bento e a leste com o Sítio Leitões e Picadas. Para conhecer a história do Tapuia, é preciso nos remeter a mais ou menos uns 150 anos atrás quando houve a chegada dos colonizadores portugueses às margens do Rio Paraíba.

Ao discorrer sobre a história da comunidade, Lourival Barbosa Cabral afirma:

Agora o Tapuio velho é muito velho, tem muito mais de 200 anos. Eu tô pra ir em São João do Cariri se Deus quiser pra eu saber, lá tem os arquivos todos, porque quem casava, meu pai por exemplo, casou no Tapuio, na igreja, pelo Padre Antônio Vital, mas, pra casar no civil, no Umbuzeiro ainda não tinha fórum, foi casar em Cabaceiras. Então, naquela época,



casamento civil era tudo em Cabaceira. Depois foi que em Umbuzeiro foi criado o Fórum e ficou famoso Umbuzeiro também, apesar de não ter pra onde crescer, porque ele é dentro do Pernambuco, se divide a cidade de Umbuzeiro dentro do Pernambuco. E aí foi crescendo e foi crescendo. Eu ainda lembro que vinha pessoas, passavam aqui na nossa casa. Não existia caixão, enterrava o pessoal na rede. Não enterrava a rede, tinha pessoas curiosas que tinha a rede e o lençol de enterrar as pessoas. Aí emprestava pra aquela família levar pra enterrar lá no Tapuio, lavava bem lavada e devolvia, entendeu? Eu ainda conheci os donos, as donas das redes e lençóis. E assim por diante. Foram caminhando e eu pego pensar: como é que encheu esse mundo tão depressa? (informação verbal<sup>24</sup>).

Este mesmo morador, em outro trecho da entrevista, relata a presença de índios naquela região. Tudo indica que, devido ao nome da comunidade ser Tapuia, provavelmente ali existissem índios tapuias até a chegada dos primeiros colonizadores. Em relação a isto, Lourival Barbosa Cabral explica:

Na época em que foi construído o Tapuio, ali tudo era índio. Não era só no Tapuio: eu sou neto de uma índia, bisneto de uma índia. Meu bisavô, o pai daquele ali, ele namorava uma índia num lugar chamado Glória de Goitá, lá em Limuêro, e a índia levou ele na cacunda. Aí casou cum ele e sou parente de índio. Minha avó contava essa história que o meu bisavô, a índia levou ele na cacunda. Aí eu fiquei quase sem acreditar, aquela história de uma mulher levar um homem na cacunda (informação verbal<sup>25</sup>).

Podemos perceber, através da fala do Sr. Lourival, como surgiu a comunidade a partir dos conhecimentos obtidos no decorrer de sua vida. Através de suas palavras, percebemos que a comunidade é muito antiga, tendo cerca de 200 anos, e que havia no local índios, provavelmente tapuias, que ali moravam no início da chegada dos homens brancos colonizadores.

A fala do Sr. Lourival pode ser materializada através da imagem da comunidade às margens do Rio Paraíba.

---

<sup>24</sup> Entrevista concedida por Lourival Barbosa Cabral ao pesquisador em 2016.

<sup>25</sup> Idem.

**FIGURA 01:** O Rio Paraíba e a comunidade Tapuia às suas margens.



**Fonte:** Acervo pessoal de Romeu Felipe da Silva Júnior, 2016.

Esta é a comunidade do Tapuia nos dias de hoje, às margens do Rio Paraíba. No momento em que a foto foi feita, o rio não estava com uma cheia grande, embora estivesse passando água. Outra moradora participante da pesquisa, ao falar sobre este surgimento, sobre essas origens, relata:

Num sei, dizem, mas assim, informação já é informação dos outro que havia índios aqui, que tinha até o nome de Tapuia, né? Aí, ficava aqui aglomerado junto desse riacho, embaixo das árvores. Num tinha essa igreja antes, né, era a outra igreja, mais antiga, que eu num conheci também, que quando eu cheguei por aqui, aí eles vivia aí. Só que as pessoas que morava aqui tinha, era assim, medo, nera? Num se comunicava com eles nem nada. Assim, o que falaro é que não conversava com eles. Agora, da forma deles irem embora, dizem que foi assim, eles pensaro em construir a igreja, pra ver se eles se afastava, porque eles não gostava desse tipo de religião. Aí então, eles construíro a igreja a fim que eles fosse embora. Também a época que eles foro embora eu num sei. E quantos índios eu também não sei, nem pra onde foram. Porque era bunito se todos soubesse, mas as pessoas que foram embora não contaram nada pra ninguém, num deixaro nada registrado, fica difícil pra gente, né? (informação verbal<sup>26</sup>).

<sup>26</sup> Entrevista concedida por Maria Ana de Araújo ao pesquisador em 2016.

Podemos constatar na fala de Maria Ana que ali, às margens do Rio Paraíba, era povoado pelos índios tapuias. Segundo relatos que ela ouviu dos seus antepassados, a construção da primeira capela teve como objetivo expulsar os índios que ali viviam. A partir desses relatos, não se sabe para onde esses índios fugiram, nem tampouco se recorda dos nomes das pessoas que tiveram a ideia da construção da primeira capela, aquela que tinha sua fachada virada para a frente.

**FIGURA 02:** Imagem meramente ilustrativa de uma índia tapuia.



**Fonte:** <<https://w.w.w.hebreusisraelita.wordpress.com>>. Acesso em: 07 mai. 2016.

Os índios tapuias viviam às margens dos rios no Estado da Paraíba, o que nos faz crer que, na comunidade ribeirinha do Tapuia, também vivia um grupo de índios tapuias, já que o nome do local é sugestivo e os moradores deduzem que ele é derivado dessa tribo de índios que possivelmente viveu no local.

**FIGURA 03:** Primeira capela do Tapuia.



**Fonte:** Acervo pessoal de Romeu Felipe da Silva Júnior (2016).

A primeira capela da comunidade Tapuia foi construída com a sua frente virada para o Rio Paraíba. A data de sua construção é desconhecida pelos moradores. Ela foi desativada no ano de 1955, quando construíram uma maior. Como se percebe na imagem, ela foi modificada e transformada em uma sacristia. Maria Ana de Araújo, ao mencionar a “igreja”, está se referindo à primeira capela construída, que hoje serve para guardar as imagens e objetos antigos pertencentes à igreja.

Os moradores se contradizem ao afirmar que antigamente havia índios no território. Uns dizem que ouviram relatos de que havia e outros afirmam que não. Nas histórias do Tapuia contadas por um dos moradores, as terras daquela localidade pertenciam à Igreja. O padre na época, Cônego Ramalho, cedia as terras para que os moradores cultivassem e, logo depois, ele passou a vendê-las a quem se interessasse em comprá-las. É o que afirma Gonçalo Xavier ao se reportar sobre isto:

Bem, eu não sei lhe ispricá direito onde ia, só sei que o povo véi contava que ia pras Pedas Aita. No meu tempo véi, sabe? Aí cumeçava de lá mai o povo fôro se apossano, incurtano, pra cá ficou da Cacimba pra cá. Depois, vêi um véi lá da Quixaba,

um tá de Filomeno, aí vêi e comprou a um padre véi que tinha no Umbuzêro, padre Cônego Ramalho. Aí, vendeu a ele, separou pedaço, né, e vendeu pra ele. Era antigamente. Essas terra vêi esse povo dos Ricardo, o povo dali, essas terras dele, vinha das Pedras Alta tombém, igual com essas terras aí. A linha das terra dos fio de Ricardo. O povo vinha de lá pra cá se apossano, vendeno, aí diminuiu. As terra de onde pai morava, a linha vinha de 10 das Pedra Alta, a linha vinha na divisão das água, onde a água pendia pra cá, a linha passa pra cá, de lá pra lá já ia pra ôto distrito, né? (informação verbal<sup>27</sup>).

Ao analisar a fala de Gonçalo Xavier, percebemos que toda a região onde está localizado o Tapuia pertencia à Igreja, isto é, quem administrava era o padre da paróquia de Umbuzeiro, na época, o Cônego Ramalho. De acordo ainda com o Sr. Gonçalo Xavier, o período em que este padre estava no comando da igreja era nos anos 1950, quando ainda era a capela antiga, o que implica dizer que se já existiam índios antes mesmo da construção da capela. Essas terras pertenciam a eles e a Igreja delas se apossou.

O contato desses índios com os europeus brancos e pessoas negras escravizadas que saíram povoando as margens do Rio Paraíba nem sempre foi pacífico. Todavia houve casos em que, de acordo com a fala de um dos moradores, ocorreu pacificidade, como no caso de um senhor branco que se casou com uma índia e que, a partir dessa união, deu origem às várias famílias de Gado Bravo.

Porém, também podemos constatar a presença de confrontos ao nos depararmos com a entrevista do Sr. Gonçalo Xavier (2016), quando fala que, no sítio Caboclo, comunidade próxima ao Tapuia, um grupo de pessoas que não se sabe de onde vinham perseguia um senhor considerado como caboclo bravo. Segundo elas, o caboclo comia gente. Atiraram nele e terminaram de matá-lo apedrejando-o. Acredita-se que este relato é muito antigo e que talvez tenha vindo da época do contato dos europeus com os índios. Esse acontecimento deu origem ao nome da comunidade Caboclo. Ao se reportar sobre este fato, Gonçalo Xavier afirma:

O Cabôco toda vida foi Cabôco. Ali mataram um caboco véi uma tromba de gente não sei da onde pra matar um caboco, um caboco brabo, que dizia que caboco brabo comia gente. Aí,

---

<sup>27</sup> Entrevista concedida por Gonçalo Xavier ao pesquisador em 2016.

vei uma turma de gente atraí do caboco, quando chegaro lá no caboco, o caba atirou nele, aí ele caiu, aí mataro. No lugar ali onde era aquela casa paroquial, não sei se tiraro, mai tinha uma tuia de pedra que era tudo dessa casa, que é da donde mataro ele. Todo mundo que passava na estrada antigamente a pé butava uma peda, todo mundo (informação verbal<sup>28</sup>).

Podemos constatar, através da fala de Gonçalo Xavier, que, provavelmente, na povoação da comunidade Tapuia, houve confrontos entre homens brancos colonizadores e os nativos, mas também houve a questão da mistura étnica, como o caso do homem branco que casou com a índia. Há um fato curioso na história daquela comunidade em relação à questão étnico-racial e que foi relatado por alguns dos entrevistados. É o caso da senhora Chica Gueba, que aparentemente era cafuza, isto é, tinha sangue negro e índio. Ocorre que ela morava na loca de uma pedra e criou seus filhos lá. Esta pedra fica às margens do Rio Paraíba, próxima a um poço denominado “poço do Tapuia”. Lourival Barbosa Cabral, a respeito desse caso, relata:

Aconteceu no Tapuio no tempo que eu era criança. No poço do Tapuio morava uma negra, ela era selvage essa negra, mas ela teve vários minino de gente civilizado que ela não tinha medo de nada, a negra que morava lá. Esqueci o nome dela, eu ia dizeno agora o nome dela. Todo mundo queria conhecer ela quando era garoto, era, deixa eu me lembrar. Tinha uma péda, ela criou os fio, tem um chamado de Zé da Péda, Mané da Péda, porque a negra não tinha casa, morava numa péda na beira do rio. Era raça de índio. E até essa aqui madrinha Sivirina criou uma fia dela chamada de Preta. Aí, Preta ela comprou a propriedade na Torre, madrinha Sivirina, e criou essa negra (informação verbal<sup>29</sup>).

Nas palavras de Lourival, esta senhora tinha a mistura étnica de negro com índio, essa que provavelmente aconteceu bastante ali nas imediações do Tapuia. Outro colaborador da pesquisa também relata este fato, ao dizer que: “Ela era cabôca. Não sei se era índio não. Era uma morena baixa, cabelo bom, chamava de Francisca, o povo chamava com ela de Chica, tumava uma cachaça” (informação verbal<sup>30</sup>).

---

<sup>28</sup> Entrevista concedida por Gonçalo Xavier ao pesquisador em 2016.

<sup>29</sup> Entrevista concedida por Lourival Barbosa Cabral ao pesquisador em 2016.

<sup>30</sup> Entrevista concedida por Gonçalo Xavier ao pesquisador em 2016.

Gonçalo Xavier confirma o que nos disse Lourival Cabral na entrevista acerca desta senhora que morava na “loca” de uma pedra e que, pela descrição dele, era mesmo descendente de negro e índio. Ela morava próximo ao chamado “poço do Tapuia”, devido ao fato de ele nunca secar, mesmo no período de escassez de chuvas. Este poço, durante muito tempo, abasteceu a comunidade do Tapuia quando o Rio Paraíba estava seco.

**FIGURA 04:** Poço do Tapuia, local onde morava Chica Gueba, na gruta de uma pedra.



**Fonte:** Acervo pessoal de Romeu Felipe da Silva Júnior (2016).

A narrativa desses dois moradores podem ser comprovadas por meio da imagem do poço que ainda hoje serve de reservatório para as famílias que ali residem e cuja fonte de água é o rio. A partir do início do século XIX, as pessoas foram formando famílias, e, com isto, ocorreu o cruzamento entre as várias etnias. Esta é a primeira etapa da povoação da comunidade Tapuia, é o período inicial do povoamento, que ocorreu provavelmente entre 1790 a 1803.

No que se refere aos primeiros habitantes locais, percebemos que os sobrenomes das famílias das comunidades antigas às margens do Rio Paraíba e até no Tapuia, remetem aos primeiros portugueses do início da fundação do município de Cabaceiras e São João do Cariri. Como exemplo, temos a família

Castro. Ainda hoje, há no Tapuia pessoas que descendem deste sobrenome, como é o caso do morador Manoel Barbosa Pereira. Ele fala que o pai do bisavô dele foi um dos fundadores do lugar, cujo nome é Fabílicio de Castro Pereira, dentre outros sobrenomes que podemos encontrar nas famílias que hoje residem em Gado Bravo e nas comunidades próximas ao Tapuia.

Temos sobrenomes como Moraes, Camelo, Arruda, Pereira, Xavier dentre outros. Provavelmente, as origens dessas famílias vieram juntas para o Tapuia, descendo pelo Rio Paraíba partindo de São João do Cariri no final do século XVIII e início do século XIX, e lá foram se estabelecendo. Atualmente, exercem influência nos municípios de Gado Bravo, Aroeiras, Santa Cecília, Natuba etc.

Manoel Barbosa Pereira, morador local, ao se referir sobre seus antepassados, diz: “Não sei bem direito não, mas já ouvi falando que quem começou a primeira igreja daqui foi Fabílicio de Castro Pereira” (informação verbal<sup>31</sup>). Este morador acredita que um dos seus antepassados foi responsável pela construção da primeira capela, referindo-se a ele como um dos primeiros moradores local. Outro sujeito participante da pesquisa relata outros nomes de famílias que lá moravam. Segundo ele:

A criação do Tapuio, os fazendeiro do Tapuio tudim era da família Freire e da família Xavier, e da família de Severino Féli, né, Severino Xavier de Moraes. Inda hoje tem uma casa lá, tá? Foi onde minha mãe trocou de roupa pra casar, e a casa num é pra vender nunca e inda hoje tá lá muito bem cuidada pra aquele pessoal do São Bento, Pedra de Cheiro Cabôco, Pedra d’água exatamente os fazendeiro era tudim ali, Mané Rodrigue, Zé Xavier, Severino Xavier de Moraes que era Severino Féli, e a família Freire e Ricardo toda era os vaquêro do Tapuio, entendeu? E do ôtro lado do rio que era de Umbuzêro, era não, é ainda de Umbuzêro, era a família Maroto, que pega a picada em peso, em peso, tudim que são fazendeiro da região do Tapuio. Porque o Tapuio num cabe mais do que as casa que tem; tem o cemitério, a igreja e umas quatro ou cinco casa e não tem onde botar mais nada porque não tem lugar, é o “ri” e de frente atrás das casa é uma serra muito alta e do lado é um riacho enorme que despeja no “ri” (informação verbal<sup>32</sup>).

---

<sup>31</sup> Entrevista concedida por Manoel Barbosa Pereira ao pesquisador em 2016.

<sup>32</sup> Entrevista concedida por Lourival Barbosa Cabral ao pesquisador em 2016.



Podemos perceber nas palavras de Lourival que estas famílias mencionadas participaram, segundo ele, do povoamento local, geralmente famílias abastadas, já que ele menciona que eram fazendeiros.

**FIGURA 05:** José Freire e Josefa Pereira.



**Fonte:** Acervo pessoal de Maria Ana de Araújo (2016).

Este casal é da família Freire, nome mencionado por Lourival Cabral como sendo um dos primeiros moradores do Tapuia. Todavia, o período que eles viveram, ou seja, no século XX, não se articula com o povoamento do Tapuia. No entanto, acreditamos que eles podem ser descendentes dos primeiros moradores. Fato é que essas pessoas, durante um período anterior a 1995, foram responsáveis pela organização da festa de Santa Ana, realizada no mês de julho.

Severino Xavier de Moraes é também outro morador antigo do Tapuia, mas não um dos primeiros, embora descendente dos primeiros que ali chegaram. Nas narrativas dos moradores, percebemos que eles confundem datas, períodos e se recordam mais do tempo em que eles ou eram crianças ou jovens.

**FIGURA 06:** Severino Xavier de Moraes e sua esposa, conhecida como Nenê.



**Fonte:** Acervo pessoal de Maria Ana de Araújo (2016).

Percebemos, por meio dessas imagens, que estas pessoas estiveram no Tapuia na primeira metade do século XX. Pelo que tudo indica, elas são descendentes daqueles que construíram o cemitério local por volta de 1870. As construções que houve ou há na comunidade Tapuia foram feitas não apenas por moradores do lugar. Percebemos que pessoas do município de Gado Bravo também se envolveram na construção dos prédios locais, o que evidencia mais ainda a ligação das pessoas dos arredores do Tapuia com aquela localidade. Tal ligação está ligada aos seus antepassados. Somos levados a crer que as famílias que formam hoje o município de Gado Bravo são descendentes dos primeiros colonizadores que chegaram e ali se instalaram.

**FIGURA 07:** Antônio Felix de Moraes e sua esposa, Maria.



**Fonte:** Acervo pessoal de Maria Ana de Araújo (2016).

Eis mais um casal que participava da organização do novenário a Nossa Senhora Santana já na segunda metade do século XX, quando foi construída a segunda capela.

**FIGURA 08:** Julião de Souza Leal e Maria Adélia de Lucena Leal.



**Fonte:** Acervo pessoal de Maria Ana de Araújo (2016).

O casal Julião de Souza Leal e sua esposa, Maria Adélia de Lucena Leal, não moravam na localidade do Tapuia. Entretanto, foram eles que, juntamente com algumas pessoas do Tapuia, arrecadaram fundos para a construção da capela atual em 1955. Lourival Barbosa Cabral fala de uma casa muito antiga no Tapuia que ainda existe. Todavia, esta casa não foi uma das primeiras. Relatos confirmam que havia outras casas de taipa que caíram com o tempo. Esta a que ele se refere é do ano de 1919 e passou por reformas. Atualmente, ela está assim:

**FIGURA 09:** Umas das casas mais antigas do Tapuia.



**Fonte:** Acervo pessoal de Romeu Felipe da Silva Júnior (2016).

A imagem acima se refere a uma das residências mais antigas do Tapuia, que foi reformulada com o passar dos anos. Atualmente, quem reside lá é o senhor Manoel Barbosa Pereira e família. A comunidade Tapuia é muito pequena. Hoje, conta apenas com quatro famílias, em um número total de 17 pessoas. Como é possível observar na foto abaixo, há apenas uma vila. Do outro lado, temos o Rio Paraíba.

**FIGURA 10:** Vila do Tapuia.

**Fonte:** Acervo pessoal de Romeu Felipe da Silva Júnior (2016).

Como se percebe na imagem, o Tapuia se resume a estas moradias. Atualmente, poucas são as famílias que lá residem. O que nos impressiona mais é o fato de um lugar tão pequeno realizar um evento de grande porte, o que os leva a crer que a religiosidade das pessoas de lá e também daquelas de regiões próximas ao Tapuia é muito forte. A crença na padroeira vai além dessas serras.

Os prédios existentes no local se resumem a duas capelas; uma desativada após a construção da atual nos anos 1950, o cemitério, de construção muito antiga, e a escola, cujos alunos são oriundos das comunidades circunvizinhas, já que ali moram apenas umas cinco crianças. Ao falar sobre os prédios locais, Gonçalo Xavier afirma:

Não era aquela moderna pra frente do pátio não, era pra frente do rio. Não tem um cruzeiro, pru lado dali, a igreja era pru lado daquele cruzeiro, a igreja véia. Antigamente, a metade era de tijolo a são cristia, e pra frente era de taipa. A são cristia não tem

uma casinha do lado dela lá? Aí fizeram uma casinha pro padre poder se arranjar lá, botaram a igreja abaixo, fizeram uma em 55, começaram em 53, em 55 terminaro ela, mai ficou com a frente pro lado do pátio (informação verbal<sup>33</sup>).

Nas palavras do Sr. Gonçalo, a primeira capela é muito antiga e o cemitério também. Ele, porém, não sabe por que a primeira foi desativada e transformada num depósito da igreja. Outra moradora, Maria Ana de Araújo, fala o que teria motivado a construção de uma nova capela segundo relatos que ouviu de seus antepassados. O motivo de tal construção seria o fato de esta primeira estar muito próxima ao rio. Como já haviam presenciado grandes enchentes, cujas águas chegaram à soleira da porta, acharam melhor construir outra. Vejamos o que diz esta moradora ao se reportar ao fato:

Não, sei não. Também não, eu nem cheguei a conhecer essa igreja. Quando eu cheguei já tinha essa outra, foi construída em 55. O pessoal ficaro reclamando porque acabaro com a igreja de lado aí, que não deveria ter distruído Mas sendo que o povo dissero, que é porque naquele tempo era muita água. Disse que a água vinha até esse cruzeiro velho. Aí, eles tinha medo que derrubasse a igreja de lá. Eu num sei se a igreja de lá foi antes da construção de Boqueirão ou se foi depois. Porque depois que teve Boqueirão melhorou porque não vinha muito inchente forte não (informação verbal<sup>34</sup>).

É perceptível na fala de Maria Ana de Araújo que as enchentes do Rio Paraíba podem ter sido o motivo para os moradores construírem uma segunda capela, já que, de acordo com ela, o Açude Eptácio Pessoa (O Boqueirão) ainda não tinha sido construído. Assim, quando o Rio Paraíba estava no período das cheias, elas eram muito grandes, o que mudou após a construção desse açude. A água do rio chegava até a porta da igreja, mas, nos últimos tempos, a enchente é muito pequena. Portanto, não chega até a vila do Tapuia.

As imagens abaixo remontam à ideia de como realmente a comunidade e o rio estão muito próximos.

---

<sup>33</sup> Entrevista concedida por Gonçalo Xavier ao pesquisador em 2016.

<sup>34</sup> Entrevista concedida por Maria Ana de Araújo ao pesquisador em 2016.

**FIGURA 11:** O cruzeiro que fica às margens do Rio Paraíba.



**Fonte:** Acervo pessoal de Romeu Felipe da Silva Júnior (2016).

Esta é a imagem do cruzeiro que foi construído desde a primeira capela na comunidade Tapuia, um marco da Igreja católica. O cemitério do Tapuia foi construído provavelmente na década de 70 do século XIX pelo padre Ibiapina e seus seguidores, e também com a colaboração das principais famílias que residiam nas proximidades da comunidade, às margens do Rio Paraíba e a quilômetros de distância da parte mais alta, onde hoje ficam o município de Aroeiras. O cemitério foi útil, já que era o único local de sepultamento em um raio de dezenas de quilômetros, onde a epidemia de cólera do final do século XIX vitimou muitas pessoas. Para que a epidemia não se alastrasse ainda mais, o local adequado para o enterro foi providenciado e foi construído nesta comunidade ribeirinha.

**FIGURA 12:** Cemitério do Tapuia, construção do século XIX.



**Fonte:** Acervo pessoal de Romeu Felipe da Silva Júnior (2016).

Abaixo, temos a imagem da capela atual, construída no ano de 1955. Mais uma vez, a participação das famílias de várias comunidades dos municípios de Gado Bravo, Aroeiras e Umbuzeiro se uniram em prol não apenas da construção de um prédio, mas de algo que os unia e fortalecia sua fé em Nossa Senhora Santana naquela comunidade, que os remetia à origem da chegada dos seus antepassados a esta comunidade.

É em torno dessa capela que ocorre a manifestação cultural mais esperada em todo o ano pelos moradores da localidade, a festa da padroeira Nossa Senhora Santa Ana, que ocorre a cada dia 26 de julho. O ambiente ora monótono se transforma em um local festivo, e um regaço acolhedor de famílias, jovens de todas as idades, idosos e crianças. De tempos em tempos, esta capela passa por reformas, como pinturas e pequenos consertos.



**FIGURA 13:** Capela atual do Tapuia, construída em 1955.



**Fonte:** Acervo pessoal de Romeu Felipe da Silva Júnior (2016).

As imagens acima reafirmam o que disseram os moradores ao se remeterem aos prédios públicos. Nota-se também através da imagem que a localidade é pequena e, no entanto, com as festividades da padroeira, torna-se grandiosa. Ana Maria da Conceição, moradora local, ao recordar a formação da vila, afirma:

Tinha mais casa do que hoje em dia, que tem quatro morador aí. Antigamente, tinha mais. Não tinha muita não, mas tinha mais, né? Tinha uma casa velha aí e outra que tem lá em cima, viu? Tem essa que caiu aí e ainda tinha ôta, que se tratava da casa de Antônio Leriano. Sei de mais nada não. Cabôco brabo, eu só ouvia falar, né, que tinha (informação verbal<sup>35</sup>).

Percebemos, através da fala de Ana Maria, que a comunidade já existia há muitos anos com um maior número de moradores, já que atualmente são poucos os que ali habitam, talvez pelas dificuldades encontradas. Trata-se de uma comunidade que fica longe da PB-102, entre serras e estrada de terra, o que dificulta o acesso em tempos chuvosos. Talvez tenham sido esses

<sup>35</sup> Entrevista concedida por Ana Maria da Conceição ao pesquisador em 2016.

motivos que tenham levado algumas famílias a procurarem lugares próximos, mas que ficassem um pouco mais alto, já que esta é entre serras. As palavras de Ana Maria se materializam nesta imagem.

**FIGURA 14:** A comunidade Tapuia entre as serras.



**Fonte:** Acervo pessoal de Romeu Felipe da Silva Júnior (2016).

Esta imagem nos revela o quanto a comunidade Tapuia se torna isolada em meio a essas serras e ladeada por um rio que, em tempos de cheia, deixa-a ainda mais isolada. No passado, as pessoas que ali viviam praticavam o cultivo de alguns produtos nessas serras, pois a única fonte de renda e sobrevivência era a agricultura, isto é, o plantio de algodão e produtos de subsistência (milho, feijão, fava etc.). Vale lembrar que aquela região já foi uma grande produtora de algodão. Plantava-se nessas serras e vendia-se a safra para compradores de Gado Bravo e Umbuzeiro. Plantava-se também palma.

Os produtos indisponíveis na comunidade eram comprados na comunidade vizinha, denominada de São Bento, de um senhor que tinha uma “bodega” e lá vendia produtos como sal, querosene, açúcar, bolachas, dentre outros. Além de viver da agricultura, os habitantes também dependiam da criação de gado leiteiro. A este respeito, Gonçalo Xavier afirma:

Era, ficava nessas serra, em todo canto. Isso aqui nessas campana, o parente desse véi, desse minino aqui era dono desse terreno, aquela casa que tem do lado dali era todo cuberto de aigudão, era cuberto de paima e aigudão. Agora não tem nada disso não. Seu Orlando Guerra comprava e então aquele fumero lá de Aruêra, Joaquim, Joaquim num sei de quê, que era fumero de Aruêra, também comprava e tinha comprador no Umbuzêro que não sei quem era não, pois nesse tempo eu não andava pras bandas de Umbuzêro. Eu me criei pastorando gado, prendendo, tirando leite, botando no curral. Minha vida era essa, nem numa festa eu ia com 16 anos, eu num ia numa novena. Os minino de hoje desse tamanho é tudo nas festa, eu com 16 anos não ia numa festa, era só im casa. Mai hoje é diferente (informação verbal<sup>36</sup>).

A história contada por Gonçalo Xavier nos mostra do que sobreviviam os moradores daquela comunidade remota que, apesar das dificuldades, alguns lá permaneciam, às margens daquele rio, e que hoje nos concedem seus relatos com palavras saudosas. Outro morador que colaborou com a pesquisa, ao falar sobre o que se produzia na comunidade, assevera:

Sempre trabalhou na agricultura, né? Criava gado, plantava algodão. Meus pai lucraro muito fava, algodão, aí depois começou aquele tempo de doença, né? Aí pronto, foi acabando. Mas ele prantava muito, ele vendia até àquele homem lá do Gado Bravo, como é o nome, José Noberto, ele comprava, né, ele fazia num sei o que do algodão. O que num era produzido, meu pai fazia feira em Aruêras. Agora esses ôtos pessoal tinha uma mercearia aí no São Bento que vendia muito, num sabe? Acho que aqueles pessoal mais simples comprava essas coisa, comprava lá. Porque nessa época o pessoal lucrava muito, feijão, milho, fava e num comprava muito, só comprava essas... essas coisa, né? Então, eles comprava muito ali perto de São Bento, tinha um tal dum Cazuzza, eu não sei, eu nem conhecia esse pessoal nem nada (informação verbal<sup>37</sup>).

As histórias contadas por Maria Ana são fidedignas ao que nos disse o Sr. Gonçalo Xavier quando informou que no Tapuia havia plantio de algodão e produtos de subsistência.

As práticas culturais das mulheres do Tapuia se baseavam em fazer crochê, renda, artesanatos, feitura de panelas de barro, esteiras etc. Lá não

<sup>36</sup> Entrevista concedida por Gonçalo Xavier ao pesquisador em 2016.

<sup>37</sup> Entrevista concedida por Maria Ana de Araújo ao pesquisador em 2016.

existiam benzedoras nem parteiras. Para atender às gestantes, vinha uma senhora de Pedra D'água e outra de Gado Bravo, conhecida como madrinha Filipa.

Ao contar as práticas culturais das mulheres do Tapuia, a moradora Maria Ana de Araújo esclarece: “Trabalha muito pouco. Depois desse Bolsa Família acabou, é muito pouco. Tinha a costureira, tinha uma mulher que fazia loiça, fazia esteira” (informação verbal<sup>38</sup>).

Percebemos nas palavras de Maria Ana uma crítica ao programa Bolsa Família do Governo Federal. Na concepção dela, as mulheres deixaram de trabalhar fazendo renda, costuras e louças, após o implante desse programa. Contudo, sabemos que, no decorrer dos anos, as pessoas buscam melhoria de vida e acabam mudando de atitude. São outros tempos. Com a modernidade, poucas são as famílias que ainda utilizam as panelas de barro para cozinhar, cada vez menos vestem roupas feitas por costureiras domésticas; preferem comprar roupas prontas, dentre outros costumes que, com o tempo, foram se ressignificando. Outra moradora, ao se referir a isto, diz:

As que vive aqui já são senhoras que vive da aposentadoria, e os mais novos que por aqui trabalham na roça. Hoje, não se planta mais algodão. A maioria vive de Bolsa Família, que o Governo Federal dá (informação verbal<sup>39</sup>).

É perceptível nas falas de Edinalva Barbosa que a população atual da comunidade se resume mais a pessoas idosas. Não se vê a presença de jovens, apenas algumas crianças e em um número muito pequeno. Isto nos leva a crer que os jovens, ao chegarem à maioridade, preferem partir em busca de uma vida melhor, enquanto os idosos se encontram presos ao sentimento de pertencimento ao local. Outro morador participante da pesquisa, ao se referir às atividades realizadas pelas mulheres, explica:

As mulheres tinham as fazendeira de renda, que era as mulher rendeira. Fazia as renda nas munfada, quase toda casa tinha uma munfada, e vou te dizer uma coisa. Loiçêra, porque não existia outra coisa de cozinhar, a não ser de barro, um lugar

---

<sup>38</sup> Entrevista concedida por Maria Ana de Araújo ao pesquisador em 2016.

<sup>39</sup> Entrevista concedida por Edinalva Barbosa Cabral ao pesquisador em 2016.

que tem aqui perto do Tapuia, lugarzinho chamado Tanque de Salinas, que a gente chamava buraco da gia, e tinha uma senhora lá chamada dona Generina, que a mulher do finado, era, ele teve três família esse senhor, o pai de Bila, mas dona Generina num era mãe de Bila, era mãe de Carlim ,vocês num conhece Carlim? Era mãe de Carlim, tinha muito filho ela, e ele era um senhor que todo mundo pedia a bença a ele. A gente chamava com ele Ti Duda, Zé Matia o nome dele. E ela vendia em Gado Bravo. Tinha que ver o tanto de loiça, era loiça de barro e em quantidade, sem falar nas que vendia nas portas, nas porta tinha dona Clara, Dona Avelina, dona Bela, seu Mané Cupira e tinha outro sinhô também lá no Luango que fazia loiça demais, homens e mulheres. Então, eu ainda me lembro que em 39 minha vó incumendou 10 pote de barro de meia lata, pra nós carregar água que nós era criança, entendeu? Dez pote. Quem fez os pote foi dona Severina, era uma loicêra que fazia muito bem feito, tudo ela fazia era muito bem feito (informação verbal<sup>40</sup>).

Ao analisar a fala do Sr. Lourival, percebemos como era comum a prática do artesanato pelas mulheres daquela região, uma prática que vem sendo esquecida pelos mais jovens, cujo interesse não é mais por trabalhos manuais. Eles preferem ir às cidades grandes em busca de trabalho no comércio. Tapuia é uma comunidade histórica no município de Gado Bravo, bastante pacata, mas que traz em sua historiografia um passado cheio de acontecimentos marcantes que a fez se tornar hoje o que é, um lugar lembrado por todos que fazem o município de Gado Bravo, tendo como marco histórico a religiosidade e a fé na santa padroeira, Nossa Senhora Santana.

## **2.2 Entre celebrações e comemorações: histórias da festa de Santa Ana**

Neste tópico, discutiremos sobre a religiosidade na comunidade Tapuia representada em dois movimentos: na memória do morador e através da relação dele com a padroeira local, Nossa Senhora de Santana. Reportaremos como as práticas religiosas locais se tornaram muito fortes a partir da presença dessa padroeira.

Nossa Senhora Santa Ana é uma santa que tem forte influência na religiosidade e no imaginário dos moradores. A maioria dos moradores da comunidade, além da fé, desenvolve práticas de vida que remontam a essa religiosidade e à memória religiosa local. Não há como falar da religiosidade no

---

<sup>40</sup> Entrevista concedida por Lourival Barbosa Cabral ao pesquisador em 2016.

Tapuia sem remeter à prática do catolicismo naquela comunidade, que surgiu com a devoção a Nossa Senhora Santana e que não ocorre apenas neste lugar. Trata-se de uma devoção que “desceu” o Rio Paraíba e emergiu em outras comunidades às margens deste rio, a exemplo de Barra de Santana, da comunidade Santana e, evidentemente, do Tapuia, cuja padroeira é a Senhora Santa Ana. A relação entre os moradores da comunidade, a santa e o rio Paraíba é muito forte.

**FIGURA 15:** O Rio Paraíba.



**Fonte:** Acervo pessoal de Romeu Felipe da Silva Júnior (2016).

Esta imagem do Rio Paraíba e da comunidade diz respeito à relação entre Nossa Senhora, o Rio Paraíba e a comunidade Tapuia, visto que tal devoção vem dos tempos dos colonizadores, que chegaram a este lugar tendo o rio como ponto de acesso.

**FIGURA 16:** Imagem de Nossa Senhora Santana.



**Fonte:** Acervo pessoal de Romeu Felipe da Silva Júnior (2016).

Por ser uma comunidade ribeirinha, o Tapuia tem no catolicismo local, através das festividades a Nossa Senhora de Santa Ana, uma prática cultural que apresenta o lugar de memória e o patrimônio local. Lourival Barbosa Cabral, ao abordar o catolicismo, mostra como a devoção a Santa Ana ultrapassava fronteiras e atingia também as pessoas do município de Gado Bravo e das localidades vizinhas:

E a estrada boa que tem hoje pra o Tapuio é a estrada de rodagem que vai por Pedra d'Água. Então, a Pedra d'Água a família Freire, a família Ricardo tinha um amor por aquele Tapuio que só você vendo. Inda hoje, quando eu vou, me encontro com pessoas que eu conheci lá na minha infância, e ainda tá vivo e num perde a viagem de ir lá no Tapuio no dia 26 do que é a festa do Tapuio. A minha vó fez questão, a minha vó paterna, que era muito católica, e a festa do Tapuio e da Barra é tudo num dia, tudo num dia só. E fez questão de um ano fazer uma festa de Senhora Santana, aqui nas Torres ali em cima, praquelas pessoa que nem ia pro Tapuio nem ia pra Barra. Então, ela disse: “vou fazer uma festa aqui pra todos

aqueles que não vão”, e vinha uma coisa bonita (informação verbal<sup>41</sup>).

É possível perceber, nas palavras do Sr. Lourival, a força da fé católica e, mais ainda, a devoção à santa padroeira do Tapuia a ponto de as pessoas realizarem uma festa em sua homenagem em comunidades onde nem existiam capelas.

Ao realizar as entrevistas, presenciamos um forte catolicismo no local, já que, mediante os relatos, lá não há outra religião a não ser a católica. É tão marcante a religiosidade dos moradores do Tapuia que eles não costumavam fazer festas profanas nem mesmo nas casas, como ocorria antigamente em comunidades do mesmo município. Entretanto, festas religiosas se presenciam há muito tempo.

Ao falar sobre a religiosidade do povo do Tapuia, Gonçalo Xavier menciona uma festa grande que ocorria no mês de outubro, semelhante à de Nossa Senhora Santana, só que esta era para festejar a safra do algodão:

Era no tempo do algodão, né, pra festejar o santo, festejava no tempo que o povo tinha dinheiro. Hoje, todo mundo tem dinheiro, mas pra trai ninguém tinha o dinheiro que tem hoje. Era no tempo que tinha a safra de algodão. Aí, as muié apanhava algodão, tinha cinco conto de réis no bolso, aí ele fazia a festa, não tirava um tostão com ninguém não. Num pedia um tostão a ninguém o resto da festa. Ele pegava o que saía, comprava um garrote e colocava no ceicado. Quando tava tã no meio de outubro ele pegava, vendia e fazia ôta festa. Não andava pedindo a seu ninguém. Não chegava ninguém pedindo aqui em casa, nunca pediu não. Ele era amigo de meu pai, só andava junto, pra donde um fosse o outro ia, mas nunca pedia não, fazia a festa dele por conta dele. Só fazia no meio de outubro. Agora inventaram setembro, 15 de novembro, no meio de Santana mas num é qui nem era antigamente (informação verbal<sup>42</sup>).

Percebemos na fala do Sr. Gonçalo que no Tapuia ocorria uma festa organizada pelos moradores locais na safra de algodão. Todavia, nenhum outro morador se recorda dessa memória, apenas o Sr. Gonçalo, o que nos leva a crer que era muito antiga essa festividade, ocorrendo talvez até antes da

---

<sup>41</sup> Entrevista concedida por Lourival Barbosa Cabral ao pesquisador em 2016.

<sup>42</sup> Entrevista concedida por Gonçalo Xavier ao pesquisador em 2016.



de Nossa Senhora Santana. Ele confunde datas, mas afirma com toda convicção que havia aquela festa. Outro evento religioso que lá ocorriam era a festa de São Sebastião, no mês de janeiro. Em decorrência dela, havia batizados e primeira eucaristia tanto nesta celebração como na de Nossa Senhora Santana. Ao falar sobre outros eventos ocorridos no Tapuia, Maria Ana de Araújo recorda:

Era uma noite só. Tinha missa, tinha procissão. Eles fazia primeira comunhão. Eu fiz primeira comunhão também. Foi em 72, porque eles fazia festa antes. É nessa época que eles usava os faróis. Quando foi em 72, esse pessoal pensou de fazer a festa, num era nem de Santana, dissero: “vamo fazer uma festa de São Sebastião”, que era no dia 20. Aí, em 71, foi feita a primeira festa de São Sebastião aqui. Já quem cuidava da festa era meus pais. Aí eles convidou esses zabumbeiro pra vim pra cá. Era de noite a novena. Aí, no outro dia, eles vinham, só no dia de manhã. Aqui eles ficavam o dia todim tocando. Até aqui nessa casinha, meus pais dava comida pra eles ai eles ficavam. E depois já tava mais evoluído, aí ele contratou um homem que vinha até de Orobó, que tinha como um motor. Aí eles truxero pra cá, aí já foi melhorando. Aí então, nessa época, já era com um motor. O motor parece que era a gasolina, num me lembro, porque eu era, assim, eu não prestava muita atenção a essas coisa. Aí eu sei que passava a noite todinha com aquelas lâmpadas acesa. Isso foi em 71. Em 72, aí teve a missa também de manhã. Teve casamento em 71, foi até minha prima, aí teve o casamento à noite. Teve a missa no outro dia, que era té o padre Godofredo. Aí foi bom, em 72 e 71 também (informação verbal<sup>43</sup>).

Percebemos, nas narrativas, contadas por seus moradores, que o povo do Tapuia intensifica a sua religiosidade através de eventos como novenas e terços em homenagem aos santos. Nos anos 1970, começaram a realizar a festa de São Sebastião, cujo dia é celebrado no mês de janeiro. Assim como nas festas de Senhora Santana, a atração além do novenário era a banda de pífanos que animava o lugar. Neste evento, também se realizavam batizados e primeira comunhão, como podemos comprovar através das fotos abaixo:

---

<sup>43</sup> Entrevista concedida por Maria Ana de Araújo ao pesquisador em 2016.

**FIGURA 17:** Festa de São Sebastião no ano de 1970.



**Fonte:** Acervo pessoal de Maria Ana de Araújo (2016).

Esta imagem se refere à festa de São Sebastião, ocorrida no ano de 1970 na comunidade Tapuia. Na ocasião, o padre Godofredo Joosten presidia a celebração.

**FIGURA 18:** Festa de São Sebastião no ano de 1972.



**Fonte:** Acervo pessoal de Maria Ana de Araújo (2016).

A imagem se refere à festa de São Sebastião, desta vez realizada no ano de 1972. O ambiente retrata as diferenças existentes entre este período e as festas mais recentes. Transformações ocorreram com a modernização e a chegada da energia elétrica ao local.

**FIGURA 19:** Primeira Comunhão, no ano de 1972.



Fonte: Acervo pessoal de Maria Ana de Araújo (2016).

Geralmente, em festas como a de São Sebastião ou de Nossa Senhora Santana, havia a celebração da primeira eucaristia, como podemos observar na foto. Este momento ocorreu na festa de São Sebastião no ano de 1972. Como se percebe nas narrativas e nas fotos, a fé católica era algo muito presente na comunidade Tapuia desde a construção da primeira capela, como também a devoção à santa padroeira.

Na região que compreende o município de Gado Bravo, a religiosidade atravessa o tempo e, por mais que as transformações materiais acarretem uma certa mudança na vida de seus habitantes, o catolicismo, principalmente ligado à devoção a Nossa Senhora Santana, resiste fortemente, reavivando sempre a identidade desse povo e a sua ligação com o passado e seus ancestrais.

**FIGURA 20:** Primeira comunhão no Tapuia.



Fonte: Acervo pessoal de Maria Ana de Araújo (2016).

A imagem acima revela mais um momento da fé católica na comunidade: a primeira comunhão de crianças e jovens realizada pelo padre Edwards nos anos 1980. Na ocasião, a responsável pela catequização das crianças era a professora Maria Ana de Araújo.

**FIGURA 21:** Dia de finados na comunidade.



Fonte: Acervo pessoal de Maria Ana de Araújo (2016).

A imagem acima nos revela o que os moradores relatam nas narrativas, ao afirmar que o cemitério do Tapuia é muito antigo e que famílias de longe vinham enterrar seus mortos naquela localidade. Prova disto é que o dia de finados era marcado pela presença de um padre fazendo a celebração aos mortos. Muitas pessoas voltavam ao lugar onde estavam enterrados seus entes queridos para fazer orações.

Presencia-se nos lares das famílias de algumas comunidades, assim como no Tapuia, a devoção a Nossa Senhora. Lourival Barbosa Cabral, em suas narrativas, demonstra a todo instante a sua fé católica, bem como a do povo da região, que compreende o município de Gado Bravo:

Aí, fomo com essa rede embaixo duma chuva muito grande, e não existia outra lei que não a católica. Era uma coisa muito bonita porque todo mundo sabia rezar a Salve Rainha, todo mundo acompanhava. Nem todo mundo sabia rezar o ofício da Imaculada Conceição, mas as casas antiga ainda hoje eu conheço uma casa ali na chã dos Marim, todo sábado ainda tem o ofício da Imaculada Conceição, todo sábado. Se você chegar lá de surpresa, vai achar a família rezando o ofício da Imaculada Conceição (informação verbal<sup>44</sup>).

As palavras do Sr. Lourival Barbosa revelam a devoção aos santos naquela região. Contudo, percebemos, através da fala dos entrevistados, como o culto a Nossa Senhora Santa Ana é para eles algo sagrado, que mexe com o imaginário religioso daquele povo que passa o ano inteiro à espera dessa festa. Ao terminar uma edição do evento, o grupo de organizadores já está aprontando os preparativos para a próxima. Na fala do Sr. Lourival Barbosa, essa devoção à santa padroeira é muito antiga. Graças a ela, o povo do lugar é um povo fervoroso. Ao evocar esta devoção, ele diz:

Há quem diga que essa festa aqui, como em Barra de Santana, foi Pade Ibiapina. Na igreja de Barra de Santana foi Padre Ibiapina, mas no Tapuio não foi Padre Ibiapina. Eu quero dizer que foi o próprio pessoal de lá, tu vê? Porque num sei se vocês sabe, mas Senhora Santana é a mãe da Virge Maria, com toda clareza. E Maria era filha de Santana e São Joaquim. Então, Senhora Santana era avó de Jesus. Tanto é que o bendito de Senhora Santana, quando passar a entrevista eu vou dizer

---

<sup>44</sup> Entrevista concedida por Lourival Barbosa Cabral ao pesquisador em 2016.

uma patizinha que fala dessas coisa, e eu aprendi no Tapuia, indo pras festas de lá, apesar da juventude, mas eu escutava tanto no Tapui como em Barra de Santana como era que elas cantaro. Agora, no Tapuio, as pessoa que sabia os bendito de Senhora Santana já morrerro, como na Barra. Na Barra, ainda tem alguns que copiaro e guardaro, mas é mei difícil as coisa de hoje, porque a memória pra se guardar é mei difícil. Eu tô admirado com esse aqui, tanta gente que vê e não liga, porque tu é preocupado com a cultura? Tu tai vendo? Porque tá na mente, o que a mente pensa, a boca fala (informação verbal<sup>45</sup>).

Identificamos na fala do Sr. Lourival que o culto a Nossa Senhora está sendo elevado através da festa à santa padroeira. Ainda em suas narrativas, ele menciona outro momento religioso que ocorria no Tapuia: a realização do mês Mariano, ou seja, a realização de orações que começavam no dia 01 de maio e iam até o dia 31 do mesmo mês. Reuniam-se os devotos de Nossa Senhora na capela e faziam orações, pedidos à santa; entoavam-se cânticos e louvavam Nossa Senhora da Conceição:

Me lembro demai. A abertura no mei de maio começava no dia 01 até 31. A abertura era assim: “vamos, companheiro, vamos festejar, vamos, companheiros, vamos festejar a Conceição de Maria, aqui nesse lugar. Nesse de todo templo, que é a Igreja, cheio de consolação, só devemos entoarmos louvores a Conceição. Cantemos todos, cantemos todos com muita alegria. Viva no céu e na terra o santo mês de Maria”. Essa era a abertura do mês de maio (informação verbal<sup>46</sup>).

Percebemos, na fala de Lourival, com é marcante a crença daquele povo em Nossa Senhora, principalmente quando se trata de Nossa Senhora Santana. Ao visitar a festa no mês de julho, as pessoas se sentem de certa forma pertencentes também àquela comunidade que comemora com alegria e grande devoção a homenagem à santa.

---

<sup>45</sup> Entrevista concedida por Lourival Barbosa Cabral ao pesquisador em 2016.

<sup>46</sup> Idem.

### 2.3 “Oh Ana, santa gloriosa de Maria mãe querida”: festa de Santana em narrativas de memória

A festa de Nossa Senhora Santana ocorre no dia 26 de julho de cada ano, no município de Gado Bravo, na comunidade do Tapuia, às margens do Rio Paraíba. Uma festa que atrai fiéis e pessoas que vêm prestigiar o evento. Várias pessoas, além de prestigiar a festa, armam barracas para a venda de mercadorias, movimentando o comércio local. O ambiente se torna pequeno para comportar o número de visitantes que se espalha pelo leito do rio, que nesse período geralmente está seco, apenas com alguns poços de água, onde estas pessoas tomam banho.

**FIGURA 22:** Tapuia em dia de festa.



**Fonte:** Acervo pessoal de Romeu Felipe da Silva Júnior (2016).

A devoção a Nossa Senhora Santana é muito forte, a ponto de percebermos como uma comunidade tão pequena no dia da festa consegue reunir uma multidão, conforme podemos comprovar com as imagens do nosso acervo. A restrição de espaço leva as pessoas a procurar o leito do rio para se refrescar devido à sensação térmica ser muito alta, pois a comunidade está entre as serras. Mesmo com o sol ameno, o calor é muito grande. As pessoas se refrescam nos poços de água que se formam ao longo do Rio Paraíba.

**FIGURA 23:** Os visitantes da festa no leito do rio.



**Fonte:** Acervo pessoal de Romeu Felipe da Silva Júnior (2016).

A foto nos remete a momentos em que a festa está no auge e as pessoas se espalham pelo Rio Paraíba, que serve de estacionamento para carros e motos e também para as pessoas se refrescarem em suas águas.

No dia 25 de julho, véspera do grande dia, à noite ocorre a novena, que dura nove noites. Algumas pessoas passam a noite no local à espera do dia 26. O auge da festa começa a partir 11h00min da manhã, quando começam a descer das serras pessoas a pé, de carro, de moto, a cavalo. As 10h00min, geralmente, é o horário da tradicional missa celebrada por padres da paróquia de Aroeiras. É comum no momento da missa ocorrer batizados.

Tapuia se enche de vida e alegria para receber os fiéis de sua padroeira, a Senhora Santana.



**FIGURA 24:** Imagem de Nossa Senhora Santana.



**Fonte:** Acervo pessoal de Romeu Felipe da Silva Júnior (2016).

Esta é a imagem de Nossa Senhora Santana que fica na capela do Tapuia. É muito antiga e feita de madeira. Na fala de Lourival Barbosa Cabral, a maioria das imagens do Tapuia veio de outros países. Ele informa que “A maioria veio da França, da França e da Itália” (informação verbal<sup>47</sup>).

A grandiosidade do evento nos leva a crer que a festa atrai tanta gente devido à ligação dessas pessoas com os seus ancestrais, que foram sepultados no cemitério local. Acerca disto, Lourival Barbosa Cabral afirma:

E ali, na casa de Antônio Felipe Filho, nasceu sete mulher e dois homem, e na casa de Zé Noberto, nasceu seis mulher e nenhum homem. Essas moça se criaram muito bem criada e fazendo a festa muito bonita em Gado Bravo. Inclusive, elas se vestiam tudo de uma cor só, faziam um quepezinho também branco e pareciam uma equipe de enfermeira cuidando da grande festa, e se preparando todo mundo já pensando na festa do Tapuio, porque essa que tô falando era no dia 19 de março e todo mundo, quem tinha namorada, um amigo ou o que fosse já ficava cuidando pensando na festa do Tapuio, porque era muito bonita. Nós saía daqui pra o Tapuio, se você visse a quantidade de gente que descia daqui, desse mundo todo aqui, olhe, Guariba vinha em peso pra o Tapuio. Inclusive,

---

<sup>47</sup> Entrevista concedida por Lourival Barbosa Cabral ao pesquisador em 2016.

se morresse um anjinho, um embrião, ia enterrar no Tapuio, e enterrava as pessoas, as família dava muita preferência a enterrar a família toda num canto só. Tanto é que no Tapuio tem muita gente que se enterrou no Tapuio até as crianças porque Gado Bravo o cemitério foi feito de 48 pra cá. De 48 pra trás, tinha tudo, menos cemitério. A paixão do povo era o Tapuio. Entendeu? Então, eu lembro muito bem que a gente chegava no Tapuio e fazia questão de ver tudo que tinha no Tapuio, até as catatumbas, as coisas do cemitério que era muito bem-feita, inda hoje tá lá a prova. Aí depois, já há anos atrás, a família Freire lá do Tapuio, que era muito quem cuidava da igrejinha velha, a igreja era olhando pra dentro da água do rio, não tinha condições de fazer melhoramento naquela capela pequena por causa do espaço. Então, eles fizeram do lado, aquela igreja que tá feita do lado já foi feita pra cá (informação verbal<sup>48</sup>).

Percebemos, na fala do Sr. Lourival Barbosa, a forte ligação entre as pessoas da região de Gado Bravo e o local, a ponto de ainda quererem ser enterrados no cemitério de lá. Neste período da fala do colaborador, a família Freire já era responsável pela igreja.

A organização do novenário foi passando por famílias diferentes no decorrer dos anos. A este respeito, Ana Maria da Conceição recorda de um determinado período em que a mesma família citada pelo Sr. Lourival organizava o novenário: “Era o povo do finado Zé Freire, e Lurdinha ali e Carminha do finado João Brito. Carminha casou, foi simbora pra Aruêra e cabô-se” (informação verbal<sup>49</sup>).

Nas palavras da Sra. Ana Maria, a família Freire foi responsável pela festa em um determinado período. Com o passar dos anos, a festa ficou a cargo de seus sucessores ou de outras pessoas interessadas em fazer do evento um dos mais esperados do ano pelo povo daquela comunidade e da região.

Uma atração da festa de Nossa Senhora Santana digna de nota é a participação dos bacamarteiros. Trata-se de um grupo de pessoas que se reúne para dar tiros de bacamarte. É uma tradição folclórica da guerra do Paraguai em 1865. Estas pessoas atiram com cargas de pólvora seca, chamando a atenção de todos e homenageando a santa padroeira. Geralmente, esta prática é encontrada no Nordeste brasileiro. Todavia, não é

---

<sup>48</sup> Entrevista concedida por Lourival Barbosa Cabral ao pesquisador em 2016.

<sup>49</sup> Entrevista concedida por Ana Maria da Conceição ao pesquisador em 2016.

muito comum nas festas de padroeiros dos municípios vizinhos. Apenas em Tapuia isto ocorre. Ao se reportar sobre este momento da festa do Tapuia, o morador Manoel Barbosa Pereira afirma:

Eu não sei quase nada não, porque nessa época se juntava um bocado de cara com bacamarte, vinha pra aqui, vindo do Alecrim, de Umbuzeiro, não sei como começou. Tinha, conheci Zé Justino lá do Alecrim; tinha outro, lá pra Camará. Eu não vou li explicar não porque eu não sei, né? Já vem dos mais antigo. Eles se juntaro, não sei li explicar. Foro morrendo os mais velho, né? Ficaro a turma mais nova (informação verbal<sup>50</sup>).

A narrativa de Manoel Barbosa nos revela que a ação dos bacamarteiros na festa do Tapuia vem de muito tempo atrás. Reúne no local grupos de bacamarteiros vindos de municípios como Aroeiras-PB e João Alfredo-PE, bem como de outras localidades, que se reúnem ao lado do cemitério ou dentro do rio para atirar com a arma conhecida também como riúne, satisfazendo olhares curiosos que se impressionam com aquela apresentação, a qual não é comum nas festas da região, ocorrendo apenas na festa de Nossa Senhora Santana.

**FIGURA 25:** Imagem meramente ilustrativa do bacamarteiro.



**Fonte:** <[w.w.w.onordeste.com/onordeste/...indexphp?bacamarteiros](http://w.w.w.onordeste.com/onordeste/...indexphp?bacamarteiros)>.

<sup>50</sup> Entrevista concedida por Manoel Barbosa Pereira ao pesquisador em 2016.

Esta imagem, oriunda da internet, sugere a ideia de como atuam os bacamarteiros que vão ao Tapuia no dia 26 de julho para animar a festa com suas apresentações explosivas.

**FIGURA 26:** imagem de um bacamarte.



**Fonte:** <<https://w.w.w.google.com.br/searchq=bacamarteiros>>.

O bacamarte, arma usada pelos bacamarteiros nas festas regionais do Nordeste, é semelhante aos riúnes usados pelos grupos que participam das festividades anuais de Nossa Senhora Santana.

Assim, a festa de Nossa Senhora Santana, um momento festivo e religioso, “acorda” a comunidade do Tapuia, que passa o ano “adormecida” e se alegra para homenagear a “Ana, Santa Gloriosa”, como diz Lourival Barbosa Cabral ao se referir a um trecho do hino da padroeira e por se orgulhar por ele ser um dos fiéis que sabe cantá-lo todo. E que a Santa Ana abençoe os seus devotos, que já estão ansiosos à espera da festa no mês de julho para lá chegar e, juntamente aos inúmeros fiéis, cantar o hino à padroeira assim:

Oh Ana, santa gloriosa  
De Maria mãe querida  
Pede-lhes que nos socorra  
Nos trabalhos dessa vida.

Oh Ana, santa gloriosa  
Mãe de mãe do nosso Deus  
Fazei que não seja ingrata  
Minha alma favorecei

Oh Ana, santa gloriosa  
Glória me dá vossa dita  
Foste por Deus escolhida  
Para a sua avó bendita

Oh Ana, santa gloriosa  
Tesouro de paciência  
Inflamar-me na ventura  
Na nossa costa inocência

Oh Ana, santa gloriosa  
Atendei-me o meu clamor  
Contra o poder do demônio  
Sede sempre ao meu favor

Oh Ana, santa gloriosa  
Socorrei minha fraqueza  
Dando-me todos virtude  
Perseverança e firmeza

Oh Ana, santa gloriosa  
Bem conheço meus pecados  
Alcançai do vosso neto  
Que me seja perdoado

Oh Ana, santa gloriosa  
O vosso querido neto  
Pede-me que faça santo  
E nas minhas obras restas

Oh Ana, santa gloriosa  
Não vos esqueceis de mim  
Fazei-me de vosso neto  
Para ter ditoso fim

Oh Ana, santa gloriosa  
A vós peço também  
Que nos livre do demônio  
Para todos sempre amém.

(Autoria desconhecida)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre memória e história oral possibilitou-me compreender como, através das práticas culturais do povo do Tapuia e suas experiências enquanto moradores locais, ambas podem ser discutidas, analisadas e posteriormente historicizadas.

Ao realizar este trabalho de pesquisa e em resposta à proposta dele, pude ressignificar as memórias e identidades locais para que gerações futuras venham a compreender o elo religioso existente no lugar, através da devoção a Nossa Senhora Santana, padroeira local.

Na comunidade Tapuia, existe uma forte ligação do povo com o Rio Paraíba e a santa padroeira, que surgiu através dos primeiros colonizadores, que “desceram” o rio e começaram a povoar suas margens. Percebi, através das narrativas orais, que o Rio Paraíba, além de por muito tempo ter sido uma fonte de alimentação e renda, já que nele se pescavam vários tipos de peixes, além do uso da água para o abastecimento das casas e a criação de animais, ele foi o indicador para a construção daquela comunidade, visto que, segundo os moradores, lá havia nativos que tinham o rio como fonte de sobrevivência. Com a chegada dos colonizadores portugueses e de pessoas negras escravizadas, deu-se o povoamento através da mistura étnica, que viabilizou o surgimento de outras comunidades daquela região mais próxima, a exemplo de Gado Bravo, município o qual o Tapuia pertence.

Uma pesquisa desse tipo possibilita ao historiador e à pesquisa em história a compreensão de como a religiosidade católica foi importante para a constituição dos primeiros agrupamentos humanos e multiétnicos, os quais viriam a ser mais tarde povoados e cidades. A comunidade ribeirinha Tapuia, em aspecto inverso ao da colonização tradicional, feita do litoral ao sertão, fez o contrário. Tal situação nos leva à seguinte conclusão: estudos posteriores poderão ser feitos em busca de uma melhor compreensão do período no qual se situa, entre o final do século XVIII e início do século XIX, quando o povoamento de um trecho do Vale do Paraíba, partindo de São João do Cariri, décadas mais tarde consolidou este processo com o início da devoção à Santa Ana.

O trabalho de pesquisa possibilitou para mim, enquanto estudante de história, compreender e me aprofundar mais sobre o objeto de estudo: a comunidade Tapuia. Portanto, avalio como positiva esta prática da pesquisa oral, que envolveu muitos saberes populares. Ademais, pude compreender como se deu o povoamento do Tapuia e de Gado Bravo, uma curiosidade a mais que eu tinha. Apesar de algumas lacunas existentes devido à ausência de outras fontes, foi possível traçar um panorama geral sobre a construção da identidade religiosa naquela comunidade.

Para a comunidade em estudo, este trabalho é de fundamental importância, visto que gerações futuras terão acesso a estas informações que fazem um resgate da história e que posteriormente chamará a atenção de alguém, despertando a curiosidade em conhecer a origem de seus antepassados. A partir desta pesquisa, novas possibilidades de aprofundamento no estudo podem surgir relacionadas à construção de outras identidades, não apenas do Tapuia, mas das comunidades que fazem parte do Vale do Paraíba.

No que tange à relevância para o ensino de história, esta proposta de trabalho pode ser relevante para abordar nas salas de aula como teve início a povoação às margens do Vale do Paraíba e a influência da religiosidade neste povoamento.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Cyntia. Lugar de memória... memórias de um lugar: patrimônio imaterial de Igatu, Andaraí, BA. **Revista Pasos**, v .6, n. 3, p. 569-590, 2008.

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1982 (Coleção Primeiros Passos).

AS TRIBOS PERDIDAS DE ISRAEL. Disponível em:  
<[www.hebreusisraelita.wordpress.com/2012.astribosperdidas-de-yashael](http://www.hebreusisraelita.wordpress.com/2012.astribosperdidas-de-yashael)>.  
Acesso em: 10 mai. 2016.

BACAMARTEIROS. Disponível em:  
<[www.onordeste.com/onordeste/index.php?titulo=bacamarteiros](http://www.onordeste.com/onordeste/index.php?titulo=bacamarteiros)>. Acesso em:  
10 mai. 2016.

BARROS, José D' Assunção. História cultural: um panorama teórico e historiográfico. **Textos de história**, v. 11, n. 12, 2003.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em:  
<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 14 abr. 2016.

BUENO, Marielys Siqueira. Lazer, festa e festejar. **Revista de Cultura e Turismo**, Ano 02, n. 02, jul. 2008

CANCLINI, Néstor Garcia. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. **Revista do IPHAN**, n. 23, p. 91, 1993.

CASTRO, Maria Laura Viveiros de. **Patrimônio imaterial no Brasil**. Brasília: UNESCO, EDUCARTE, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Tradução de Enid Abreu Dobranszky. Campinas, SP: Papiрус, 1995 (Coleção Travessia do Século).

FARIAS, Taíse Costa de. A festa: patrimônio e cultura urbana. In: III SEMINÁRIO INTERNACIONAL URBICENTROS, 3, Bahia, 2012. **Anais...** Salvador, BA: UFBA. Disponível em:  
<<http://www.ppgau.ufba.br/urbicentros/2012/ST104.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2015.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario (Orgs.). **Memória e patrimônio: Ensaios contemporâneos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2003. p. 25-33.



FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: Possibilidades e procedimentos**. São Paulo: EDUSP, 2002.

GONÇALVES, José Reginaldo. Autenticidade, memória e ideologias nacionais: o problema dos patrimônios culturais. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v.1, n. 2, 1988.

GUARINELLO, Norberto Luiz. **Memória coletiva e história científica**. Conferência proferida por ocasião do I Congresso de Ciências Humanas das Universidades Federais de Minas Gerais. São João Del Rei, maio de 1993. Universidade de São Paulo.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HARTOG, François. Tempo e patrimônio. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 261-273 jul./dez. 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, v.1, n. 2, p. 73-98, 1996.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A história cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista Instituto Brasileiro**, São Paulo, n. 34, p. 9-24, 1992.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

VENSON, Anamaria Marcon; PEDRO, Joana Maria. Memórias como fonte de pesquisa em história e antropologia. **História Oral**, v. 15, n. 2, p. 125-139, jul./dez. 2012.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. **Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

UMBUZEIRO. Disponível em: <[www.Wikipédia.org/wikiUmbuzeiro-\(Paraíba\)](http://www.Wikipédia.org/wikiUmbuzeiro-(Paraíba))>. Acesso em: 28 mar. 2016.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A: ROTEIRO DA ENTREVISTA

Nome, idade, profissão, escolaridade.

Fale sobre as histórias da comunidade Tapuia que você conhece.

Como essa comunidade foi criada?

Pode-se indicar a presença indígena no local?

Quais as pessoas envolvidas em sua criação?

Há famílias ou habitantes hoje no local que descendem dos primeiros povoadores?

Como vieram? Em que trabalhavam? Havia feiras no local? Como conseguiam os produtos que não eram produzidos no local?

Havia mulheres? Em que trabalhavam? Fale sobre seus costumes.

Havia escolas? Como as crianças eram educadas?

Havia negros? Eram escravizados? Como viviam? Havia casamentos inter-raciais?

Sobre os prédios locais, o que sabe sobre eles?

Havia outras festas?

O cemitério e as capelas foram fundadas quando?

As imagens existentes no local, de onde vieram?

Fale sobre a origem da festa de Santa que o(a) senhor(a) conhece.

Por que escolheram Nossa Senhora Santana como padroeira do Tapuia?

Como era a organização do novenário e quem organizava a missa da festa de Santana?

Quem era o padre que vinha celebrar a missa e como elas eram organizadas?

Fale sobre as danças, as músicas que se ouvia na festa de Santana.

Que tipo de alimentação era vendida na quermesse?

Quem eram as famílias que organizavam as danças e os cânticos que faziam a festa?

## ANEXOS

## ANEXO A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**TERMO DE CONSENTIMENTO  
LIVRE E ESCLARECIDO  
TCLE**

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, Laurival Barbosa Cabral pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa. Declaro ser esclarecido (a) estar de acordo com os seguintes pontos:

A pesquisa: Madrinha Santana e seus afilhados: Tecendo saberes sobre memória, práticas culturais e saberes da tradição na comunidade de Tapuia/Gado Bravo 1945-1995  
Terá como objetivo investigar compreender a partir das narrativas orais as práticas culturais religiosas da comunidade de Tapuia na cidade de Gado Bravo-PE, entre o período de 1945 a 1995, através das narrativas orais e dos saberes tradicionais locais.

- Ao (a) voluntário (a) só caberá a autorização para participar da pesquisa e não haverá nenhum risco ou desconforto ao (a) mesmo (a).-O (a) voluntário (a) poderá se recusar a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização da pesquisa ora proposta, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o (a) mesmo (a).

- Será garantido sigilo dos resultados obtidos nesta pesquisa, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários desta pesquisa científica e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros a (ao) voluntário (a) e, portanto, não haverá necessidade de indenização por parte da pesquisa e/ou instituição responsável.

-Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento, o (a) participante poderá contatar a pesquisador no número (083) 93878912  
Endereço: Sítio Caracolzinho Str Gado Bravo - Paraíba

- Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados com o pesquisador. Vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

-Destá forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar em pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este Termo de consentimento Livre e Esclarecido. Campina Grande, 21 / 04 /2016

Assinatura do Pesquisador

Romualdo Felipe da Silva Junior

Assinatura do (a) participante :

Laurival Barbosa Cabral

**TERMO DE CONSENTIMENTO  
LIVRE E ESCLARECIDO  
TCLE**

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, Gonçalo Xavier, pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa. Declaro ser esclarecido (a) estar de acordo com os seguintes pontos:

A pesquisa: *Madrinha Santana e seus afilhados: Tecendo saberes sobre memória, práticas culturais e saberes da tradição na comunidade do Tapuia (Gado Bravo 1945-1995)*

Terá como objetivo investigar *compreender a partir das narrativas orais as práticas culturais religiosas, da comunidade de Tapuia na cidade de Gado Bravo - Paraíba, entre o período de 1945 a 1995, através das narrativas orais e dos saberes tradicionais locais.*

- Ao (a) voluntário (a) só caberá a autorização para participar da pesquisa e não haverá nenhum risco ou desconforto ao (a) mesmo (a).-O (a) voluntário (a) poderá se recusar a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização da pesquisa ora proposta, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o (a) mesmo (a).

- Será garantido sigilo dos resultados obtidos nesta pesquisa, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários desta pesquisa científica e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros a (ao) voluntário (a) e, portanto, não haverá necessidade de indenização por parte da pesquisa e/ou instituição responsável.

-Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento, o (a) participante poderá contatar a pesquisador no número (083) 9.9387.8912. Endereço: *Sítio Caracajinho s/n Gado Bravo - PB.*

- Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados com o pesquisador. Vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

-Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar em pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este Termo de consentimento Livre e Esclarecido. Campina Grande, 23/04 /2016

Assinatura do Pesquisador

Ronivaldo Felipe da Silva Junior

Assinatura do (a) participante :

Gonçalo Xavier

**TERMO DE CONSENTIMENTO  
LIVRE E ESCLARECIDO  
TCLE**

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, Manoel Barbosa Pereira pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa. Declaro ser esclarecido (a) estar de acordo com os seguintes pontos:

A pesquisa: Madrinha Santana e seus afilhados:ecendo as  
leus sobre memória, práticas culturais e saberes  
da Tradição na comunidade do Tapuia (Gado Bravo  
1945-1995)

Terá como objetivo investigar Compreender a partir das narrativas  
oras, as práticas culturais, reliquias da comunidade  
de Tapuia na cidade de Gado Bravo - Paraíba entre  
o período de 1945 a 1995, através das narrativas orais dos saberes  
tradicionais.

- Ao (a) voluntário (a) só caberá a autorização para participar da pesquisa e não haverá nenhum risco ou desconforto ao (a) mesmo (a).-O (a) voluntário (a) poderá se recusar a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização da pesquisa ora proposta, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o (a) mesmo (a).

- Será garantido sigilo dos resultados obtidos nesta pesquisa, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários desta pesquisa científica e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros a (ao) voluntário (a) e, portanto, não haverá necessidade de indenização por parte da pesquisa e/ou instituição responsável.

-Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento, o (a) participante poderá contatar a pesquisador no número (083) 998878912  
Endereço: Sítio Caracatzenho s/n - Gado Bravo - PB

- Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados com o pesquisador. Vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

-Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar em pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este Termo de consentimento Livre e Esclarecido. Campina Grande, 23/04/2016

Assinatura do Pesquisador

Ramon Felipe da Silva Junior

Assinatura do (a) participante :

Manoel Barbosa Pereira

**TERMO DE CONSENTIMENTO  
LIVRE E ESCLARECIDO  
TCLE**

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, Maria Ana de Araújo, pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa. Declaro ser esclarecido (a) estar de acordo com os seguintes pontos:

A pesquisa: Madrinha Santana e seus afilhados:ecendo saberes, sobre memória, práticas culturais e saberes da tradição na comunidade do Tapuia (Gado Bravo 1945-1945)

Terá como objetivo investigar compreender a partir das narrativas orais, as práticas culturais religiosas, da comunidade de Tapuia na cidade de Gado Bravo. Paralelo entre o período de 1945 a 1945, através das narrativas orais e dos saberes tradicionais locais.

- Ao (a) voluntário (a) só caberá a autorização para participar da pesquisa e não haverá nenhum risco ou desconforto ao (a) mesmo (a).-O (a) voluntário (a) poderá se recusar a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização da pesquisa ora proposta, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o (a) mesmo (a).

- Será garantido sigilo dos resultados obtidos nesta pesquisa, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários desta pesquisa científica e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros a (ao) voluntário (a) e, portanto, não haverá necessidade de indenização por parte da pesquisa e/ou instituição responsável.

-Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento, o (a) participante poderá contatar a pesquisador no número (083) 998878912. Endereço: Sítio Caracotzinho s/n - Gado Bravo - PB

- Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados com o pesquisador. Vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

-Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar em pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este Termo de consentimento Livre e Esclarecido. Campina Grande, 23/04/2016

Assinatura do Pesquisador

Priscila Felipe da Silva Junior

Assinatura do (a) participante :

Maria Ana de Araújo

**TERMO DE CONSENTIMENTO  
LIVRE E ESCLARECIDO  
TCLE**

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, Uma Maria da Conceição pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa. Declaro ser esclarecido (a) estar de acordo com os seguintes pontos:

A pesquisa: Madrinha Santana e seus afilhados: Tecendo saberes sobre memória, práticas culturais e saberes da tradição na comunidade do Tapuia (Gado Bravo, 1945-1995).  
Terá como objetivo investigar Compreender a partir das narrativas orais, as práticas culturais religiosas, na comunidade de Tapuia, na cidade de Gado Bravo - Paraná, entre o período de 1945 - 1995 através das narrativas orais tradicionais.

- Ao (a) voluntário (a) só caberá a autorização para participar da pesquisa e não haverá nenhum risco ou desconforto ao (a) mesmo (a).-O (a) voluntário (a) poderá se recusar a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização da pesquisa ora proposta, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o (a) mesmo (a).

- Será garantido sigilo dos resultados obtidos nesta pesquisa, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários desta pesquisa científica e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros a (ao) voluntário (a) e, portanto, não haverá necessidade de indenização por parte da pesquisa e/ou instituição responsável.

-Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento, o (a) participante poderá contatar a pesquisador no número (083) 9-98878912. Endereço: Sítio Caracolzinho s/n - Gado Bravo.

- Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados com o pesquisador. Vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

-Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar em pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este Termo de consentimento Livre e Esclarecido. Campina Grande, 23 / 04 / 2016

Assinatura do Pesquisador

Romeu Felipe da Silva Junior

Assinatura do (a) participante :

Uma Maria da Conceição



**TERMO DE CONSENTIMENTO  
LIVRE E ESCLARECIDO  
TCLE**

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, Edinalva Barbosa da Silva pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa. Declaro ser esclarecido (a) estar de acordo com os seguintes pontos:

A pesquisa: Madrinha Santana e seus afilhados: fazendo saberes sobre memória, práticas culturais e saberes da tradição na comunidade do Tapuia (Caracózinho - Paraíba 1945-1995)

Terá como objetivo investigar

compreender a partir das narrativas orais, as práticas culturais religiosas, da comunidade de Tapuia e suas relações com o período de 1945 a 1995, com ênfase nos locais adicionais.

- Ao (a) voluntário (a) só caberá a autorização para participar da pesquisa e não haverá nenhum risco ou desconforto ao (a) mesmo (a).-O (a) voluntário (a) poderá se recusar a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização da pesquisa ora proposta, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o (a) mesmo (a).

- Será garantido sigilo dos resultados obtidos nesta pesquisa, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários desta pesquisa científica e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros a (ao) voluntário (a) e, portanto, não haverá necessidade de indenização por parte da pesquisa e/ou instituição responsável.

-Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento, o (a) participante poderá contatar a pesquisador no número (083) 9-9887-8312. Endereço: Sítio Caracózinho Atm Gado Bravo - Paraíba.

- Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados com o pesquisador. Vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

-Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar em pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este Termo de consentimento Livre e Esclarecido. Campina Grande, 23 / 04 / 2016

Assinatura do Pesquisador


Romário Felipe da Silva Junior

Assinatura do (a) participante :

Edinalva Barbosa da Silva

## ANEXO B: FOLDER DA FESTA DE NOSSA SENHORA SANTANA

**REALIZAÇÃO**



**PROGRAMAÇÃO SOCIAL**

**DIA 23/07 - APRESENTAÇÃO DE QUADRILHAS**

QUADRILHA ARRAIAL DA JUVENTUDE (ORG: ROSIMERE E IRAMAR);

QUADRILHA SÃO JOÃO NA ROÇA (ORG: MADALENA);

E SHOW COM **FORRÓ PÉ DE SERRA**.

**DIA 25/07 - SÁBADO**

**FORRO COM WADERY NUNES E FORRO DOS FILHOS.**

**DIA 26/07 - BANDA A PARTIR DAS 13:00h**

**FORROZÃO PEGADA DOS LEÕES E SANDRO ROGERIO.**

**APOIO**

PREFEITURA MUNICIPAL DE GADO BRAVO  
PREFEITO EVANDRO ARÚJO

**MARGARIDA JOSEFA DA SILVA**  
 > MARINALVA VANUZA DE ARRUDA BARBOSA  
 > AMANDA VANUZA DE ARRUDA BARBOSA

**MADINHAS DO ANDOR**


> APARECIDA FRANCISCA DE FREITAS  
 > JOSEFA SEVERINA DE SANTANA  
 > JACI LOURENÇO DO REGO  
 > JOSETE MARIA BARBOSA  
 > LUCIMERE MONTEIRO PEREIRA  
 > MARIA DÁLIA PEREIRA  
 > MARIA JOSÉ BARBOSA (LILI)  
 > MARGARETH EUFLAUZINO DA CRUZ  
 > MARIA DE LOURDES LUNA  
 > MARIA DO CARMO FELIPE  
 > MARIA DE LOURDES BARBOSA  
 > MORGANA PEDROSA DE FARIAS  
 > NILDILENE DE BRITO LEAL  
 > RITA MARIA DA SILVA  
 > SUELI MOURA DA ROCHA  
 > SALVELINA XAVIER BARBOSA  
 > VANUZA SEVERINO DO REGO  
 > SONIA MARIA BARBOSA  
 > JOSEFA ELIANE GOMES BARBOSA

**PADRINHOS**

> ANTONIO MARCOS (PROFESSOR)  
 > GIVALDO FRANCISCO DEODATO  
 > ADILSON FRANCISCO DEODATO  
 > RAIMUNDO BARBOSA DE MORAIS (MUNDINHO)  
 > JOSÉ LUCENA DE MORAIS (NETO LUCENA)  
 > LUCIANO BARBOSA DE MORAIS  
 > MANUEL BARBOSA PEREIRA (NEQUINHO)  
 > SERGIO RODRIGUES BARBOSA

**DIOCESE DE CAMPINA GRANDE**  
**PARÓQUIA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO**  
**AROEIRAS E GADO BRAVO**

**TRIDUO DE SANTA ANA NO TAPUIO**  
**DE 23 A 26 DE JULHO 2015**



**TEMA: Com Sant'Ana Mestreira da fé**  
**servamos ao Senhor em justiça e**  
**santidade.**

## CONVITE

Caros irmãos e irmãs, convidamos você e sua família para celebrarmos juntos os louvores a Deus que se manifestou de modo especial no exemplo de vida de Santa Ana. Ela e seu esposo São Joaquim colaboraram com o plano de Deus cuidando de Maria para que ela fosse à serva fiel e prudente que traria ao mundo o Salvador da humanidade. A sua missão foi de ser a mestra e educadora da Virgem Maria preparando-a para ser a Mãe do Verbo de Deus que se encarnaria para salvar-nos do pecado.

Unamos todas essas motivações às nossas motivações cotidianas e cantemos mais um ano os nossos louvores a Deus por Senhora Sant'Ana ao longo desses dias de fé e devoção. Venha juntar-se a nós e participe conosco das nossas festividades. Reze, colabore e participe da nossa fraternidade de irmãos.

Em Cristo nosso Senhor

Pe. Antônio Araújo de Souza  
(Administrador Paroquial)  
Pe. José Marcondes Neves  
(Vigário Paroquial)  
E toda comunidade.

## PROGRAMAÇÃO RELIGIOSA

23/07/2015 QUINTA FEIRA-  
ABERTURA DA FESTA

Noite dedicada às madrinhas da Bandeira, Altar e Andor.

18:00hs - Procissão com a Imagem de Santa Ana saindo da residência de Luciano Sabino até a capela de Santa Ana.

19:00hs - celebração Eucarística e Batizados  
Celebrante; Pe. José Marcondes Neves  
Liturgia; Comunidade do Tapuíto  
Animação; Terço dos Homens de Gado Bravo

24/07/2015 SEXTA FEIRA  
Noite dedicada aos jovens em geral

19:00hs - Celebração da Palavra  
Animação; Grupo de Picadas  
Responsável: Fátima

25/07/2015 SÁBADO

Noite dedicada a todas as comunidades.

19:00hs - celebração da Palavra  
(Sandoval-Arcanjo)  
Animação: Comunidade de Pedra D'água  
Responsável: Darc

26/07/2015 DOMINGO DIA DE SANTA ANA E SÃO JOAQUIM

06:00hs - Girândola e repique de sino  
09:30hs - Procissão com a imagem de Santa Ana saindo da residência de Maria de Lourdes (Lourdinha).

10:00hs - Celebração Eucarística  
Celebrante; Pe. Antônio Araújo de Souza (Administrador Paroquial)  
Liturgia; Comunidade do Tapuíto  
Animação: Grupo de Canto do Curral do Saco.


MADRINHA DA BANDEIRA

➤ SONALY IRACY BARBOSA

MADRINHAS DO ALTAR

- ANA MARIA DE ANDRADE
- ANA MARIA DA CONCEIÇÃO
- ANA BARBOSA DE MORAIS
- BERNARDINA MARIA DE LUCENA
- EMILIA GOMES DE LIMA
- EDILMA BARBOSA DA SILVA
- DEODATO
- ESTELA RICARDO CABRAL
- ILMA PEREIRA SABINO
- JOSEFA ENEIDE DE SOUZA
- MARIA GOMES DE LIMA
- MARIA DA CONCEIÇÃO LIRA
- MARIA ZÉLIA GUEDES DA SILVA
- MARIA DO CARMO LUCENA
- MARIA ANA ARAÚJO
- MARINETE BARBOSA DA SILVA

## ANEXO C: ENCARTE DA MISSA EM HONRA A NOSSA SENHORA SANTANA



**MISSA EM HONRA À SENHORA SANT'ANA**

<p><b>ABERTURA</b>  <b>O Pai, somos nós o povo eleito/ que Cristo veio reunir. (Bis)</b>          1. Pra viver da sua vida, aleluia!/  <b>O Senhor nos enviou, aleluia!</b>          2. Pra ser Igreja peregrina. Aleluia!...  <b>O Senhor nos enviou, aleluia!</b>          3. Pra ser sinal de Salvação. Aleluia!...  <b>O Senhor nos enviou, aleluia!</b>          4. Pra anunciar o Evangelho. Aleluia!...  <b>O Senhor nos enviou, aleluia!</b>          5. Pra servir na unidade. Aleluia!...  <b>O Senhor nos enviou, aleluia!</b>          6. Pra celebrar a sua glória. Aleluia!...  <b>O Senhor nos enviou, aleluia!</b>          7. Pra contruir um mundo novo. Aleluia!...  <b>O Senhor nos enviou, aleluia!</b>          8. Pra caminhar na esperança. Aleluia!...</p> <p><b>ATO PENITENCIAL</b>          1. Pelos pecados, erros passados, por divisões na tua Igreja, ó Jesus.  <b>Senhor, piedade! Senhor, piedade! Senhor, piedade, piedade de nós! (bis)</b>          2. Quem não te aceita, quem te rejeita, pode não crer por ver cristãos que vivem mal!  <b>Cristo, piedade! Cristo, piedade! Cristo, piedade! Piedade de nós!</b>          3. Hoje, se a vida é tão ferida, deve-se à culpa, indiferença dos cristãos!</p> <p><b>HINO DE LOUVOR</b>  <b>Glória, Glória! Anjos no céu cantam todos Seu Amor!</b>  <b>E na terra, homens de paz: "Deus merece o louvor!"</b>          1. Deus e Pai, nós Vos louvamos,/ Adoramos, bendizemos,/Damos glória ao Vosso Nome,/ Vossos dons agradecemos!          2. Senhor nosso, Jesus Cristo,/ Unigênito do Pai,/ Vós de Deus Cordeiro Santo,/ Nossas culpas perdoai!          3. Vós que estais junto do Pai,/ Como nosso Intercissor,/Acolhei nossos pedidos,/ Atendei nosso clamor!          4. Vós somente sois o Santo,/ O Altíssimo, o Senhor,/Com o Espírito Divino,/ De Deus Pai no esplendor!</p> <p><b>ACLAMAÇÃO</b>  <b>Aleluia, aleluia, aleluia, aleluia (bis)</b>          Alguém do povo exclama: "Como És grande ó Senhor, quem te gerou e alimentou?          Jesus, responde: "Ó mulher, pra mim, é feliz quem soube ouvir a voz de Deus e tudo guardou.</p>	<p><b>OFERTÓRIO</b>  <b>Sabes, senhor,</b>  <b>o que temos é tão pouco prá dar,</b>  <b>mas esse pouco, nós queremos</b>  <b>com os irmãos compartilhar (bis)</b>          1. Queremos nesta hora, diante dos irmãos, comprometer a vida, buscando a união.          2. Sabemos que é difícil, os bens compartilhar, mas com a tua graça, Senhor, queremos dar.          3. Olhando o teu exemplo, Senhor, vamos seguir, fazendo o bem a todos, sem nada exigir.</p> <p><b>SANTO</b>  <b>Santo, santo é. Santo, santo é</b>  <b>Deus do Universo, óh, Senhor Javé.(2x)</b>          O céu e a terra vos proclamam glorioso.          Hosana, Hosana nas alturas.          Bendito o que vem em nome do Senhor.          Hosana, Hosana nas alturas.          Hosana, Hosana ao Rei.</p> <p><b>ABRACO DA PAZ</b>          1. Andar sem temor pela vida e sentir/ o valor de se ter liberdade;/ poder abraçar um amigo e sentir/ o calor de uma grande amizade.  <b>Cristo é a felicidade!/ Cristo é a felicidade!/ Sem ter amor nesta vida não há/ quem seja feliz de verdade.</b>          2. Sentir que jamais se perdeu a ilusão/ saber perdoar com bondade;/ andar sem temor pela vida e sentir/ o valor de se ter liberdade.</p> <p><b>COMUNHÃO I</b>          1. Se calarem a voz dos profetas,/ as pedras falarão./ Se fecharem uns poucos caminhos,/ mil trilhas nascerão./ Muito tempo não dura a verdade/ nestas margens estreitas demais;/ Deus criou o infinito pra vida ser sempre mais!  <b>É Jesus este pão de igualdade!/ Viemos pra comungar/ com a luta sofrida do povo/ que quer ter voz, ter vez, lugar./ Comungar é tornar-se um perigo;/ Viemos pra incomodar./ Com a fé e união nossos passos um dia vão chegar.</b>          2. O Espírito é vento incessante,/ que nada há de prender./ Ele sopra até no absurdo/ que a gente não quer ver./ Muito tempo não dura a verdade/ nestas margens estreitas demais;/ Deus criou o infinito pra vida ser sempre mais!          3. No banquete da festa de uns poucos,/ só rico se sentou./ Nosso Deus fica ao lado dos pobres,/ colhendo o que sobrou./ Muito tempo não dura a verdade/ nestas margens estreitas demais;/ Deus criou o infinito pra vida ser sempre mais!          4. O poder tem raízes na areia,/ o tempo faz cair./ União é a rocha que o povo/ usou pra construir./ Muito tempo não dura a verdade/ nestas margens estreitas demais;/ Deus criou o infinito pra vida ser sempre mais!</p>
---	--

**COMUNHÃO II**

1. Na mesa sagrada se faz unidade, o pão que alimenta, que é pão do Senhor. Formamos família na fraternidade, não há diferença de raça e de cor. **Importa viver, Senhor, unidos no amor, na participação, vivendo em comunhão. (bis)**

2. Chegar junto à mesa é comprometer-se, é a Deus converter-se com sinceridade. O grito dos fracos devemos ouvir, e em nome de Cristo amar e servir.

3. Enquanto na terra o pão for partido, o homem nutrido se transformará; vivendo a esperança num mundo melhor, com Cristo lutando, o amor vencerá.

4. Se participamos da Eucaristia, é grande a alegria que Deus oferece, porém, não podemos deixar esquecida a dor desta vida que o pobre padece.

5. Assim comungando da única vida, a morte vencida será nossa sorte. Se unidos buscarmos a libertação, teremos com Cristo a ressurreição.

**Importa viver, Senhor, unidos no amor, na participação, vivendo em comunhão. (bis)**

**COMUNHAO III**

Me Chamastes para caminhar na vida contigo, decidí para sempre seguir-te, não voltar atrás. Me puseste uma brasa no peito e uma flecha na alma, é difícil agora viver sem lembrar-me de Ti.

**Te amarei, Senhor. Te amarei, Senhor.**

**Eu só encontro a paz e a alegria bem perto de Ti (2x)**

Eu pensei muitas vezes calar e não dar nem resposta, eu pensei na fuga esconder-me, ir longe de Ti. Mas Tua força venceu e ao final eu fiquei seduzido, é difícil agora viver sem saudades de Ti.

Ó Jesus, não me deixes jamais caminhar solitário/ pois conheces a minha fraqueza e o meu coração. Vem ensina-me a viver a vida na Tua presença, no amor dos irmãos, na alegria, na paz, na união.

**PÓS COMUNHAO**

Vinde a mim, todos vós, que estais cansados sob o peso do trabalho deste dia. Eu vos aliviarei, eu vos consolarei, disse Jesus.

**Sim, tu és o senhor da minha vida. Sim, tu és o Deus Altíssimo. Sim, tu és ó, Jesus Cristo, o Deus Grande, Onipotente(2x)**

Vinde a mim, todos vos, sem esperança. Vinde a mim, todos vós injustiçados. Eu vos aliviarei, eu vos consolarei, disse Jesus.

Tomai sob vós o meu jugo. Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração. Eu vos aliviarei, eu vos consolarei, disse Jesus.

**OPCIONAL**

**A bênção Sant'Ana**

À bênção vó Sant'Ana, este povo te abraça, derrama toda a tua graça, vó querida, abençoa este povo que te ama.

**A bênção Sant'Ana.**

**CANTO FINAL – (Hino da Padroeira a comunidade canta)**

O Ana santa gloriosa  
De Maria mãe querida  
Pede-lhes que nos socorra  
Nos trabalhos desta vida

O Ana santa gloriosa  
Mãe da mãe do nosso Deus  
Fazei que não seja ingrata  
Minha alma favorecei

O Ana santa gloriosa  
Glória me dá vossa dita  
Foste por Deus escolhida.  
Para sua avó bendita

O Ana santa gloriosa  
Tesouro de paciência  
Inflamar-me na ventura  
Na nossa costa inocência

O Ana santa gloriosa  
Atendei-me o meu clamor  
Contra o poder do demônio  
Sede sempre ao meu favor

O Ana santa gloriosa  
Socorrei minha fraqueza  
Dando-me todos virtude  
Perseverança e firmeza

O Ana santa gloriosa  
Bem conheço meus pecados  
Alcançai do vosso neto  
Que me seja perdoado

O Ana santa gloriosa  
O vosso querido neto  
Pede-me que faça santo  
E nas minhas obras restas

O Ana santa gloriosa  
Não vos esqueceis de mim  
Fazei me de vosso neto  
Para ter ditoso fim

O Ana santa gloriosa  
A vós peço também  
Que nos livre do demônio  
Para todos sempre amem.



**“Com Sant’Ana e São Joaquim, sede Santos como o Pai é Santo”.**

**ANEXO D: ENTREVISTADOS**

Lourival Barbosa Cabral, 84 anos.



Gonçalo Xavier, 87 anos.



Manoel Barbosa Pereira, 75 anos.



Ana Maria da Conceição, 76 anos.

Maria Ana de Araújo, 64 anos.

Edinalva Barbosa, 38 anos.

## ANEXO E: ACERVO FOTOGRÁFICO DA COMUNIDADE TAPUIA









